

REVISTA
Nº 31 **NOVOS RUMOS**

JOÃO QUARTIM DE MORAES / MARCOS DEL ROIO
Organizadores

Dossiê Iugoslávia

INSTITUTO ASTROJILDO PEREIRA
INSTITUTO DE PROJETOS E PESQUISAS SOCIAIS
E TECNOLÓGICAS

*Belgrado como Stalingrado. O imperialismo estadunidense e o desmembramento da Iugoslávia**

*Domenico Losurdo***

POTÊNCIA DE FOGO E POTÊNCIA DE FOGO MEDIÁTICA

“Genocídio!”, grita Clinton apontando o dedo contra a Iugoslávia e intensificando os bombardeios. Os sérvios (mas também os russos) retrucam a acusação: é a Aliança ocidental que conduz uma “guerra de extermínio” e a mascaram com o genocídio. A verdade é uma das primeiras vítimas da guerra. Para orientar-se no labirinto da propaganda e das mentiras de guerra é necessário um esforço particular de vigilância crítica.

A televisão não se cansa de transmitir imagens terríveis da interminável fila de gente que foge de Kosovo. Seus sofrimentos, sua tragédia é colocada sob os olhos de todos: não é mais que suficiente para indicar o responsável? Via livre, portanto, para a escalada dos bombardeios aéreos que agora estão voltados para destruição dos chamados palácios do poder e da infra-estrutura civil (pontes, etc.). Que fim terão os hospitais que, em Belgrado, estão situados nas vizinhanças dessas áreas? Responde o general Clark: “Existem riscos para os pilotos e para as pessoas na terra.”¹ Pior para quem mora no lugar errado!

Mas o balanço da morte vai muito além das vítimas diretas dos bombardeios. Como viverão os operários expulsos de suas fábricas sistematicamente destruídas e como viverão as pessoas dos serviços essenciais da vida civil? Como poderá sobreviver um povo dia após dia empurrado em direção à idade da pedra? Somando-se ao embargo, as bombas “inteligentes” já provocaram um milhão e meio de mortes no Iraque; será diferente na Iugoslávia?

A televisão, no entanto, nada diz sobre isso... Prefere colocar em meio às imagens dos fugitivos, as “notícias” sobre os “massacres” em Kosovo. Que importa se alguns dias após essas imagens e notícias sejam desmentidas, e Rugova, já dado como morto e exterminado, encontra-se com o presidente Iugoslavo? Enquanto isso, o efeito que se pretendia já foi alcançado.

“A demonização de Milosevic é necessária para prosseguir com os ataques aéreos.”² Esta é a constatação de um jornalista americano, mas soa como uma determinação do Pentágono. A campanha de difamação deve ocorrer paralelamente à intensificação dos bombardeios.

“*No problem*”: os países que dispõem dos meios bélicos mais sofisticados são também aqueles que têm a possibilidade de recorrer a uma potência superior de fogo multimidiática. A época da guerra total é também a época da manipulação total.

*Tradução de Josefa Batista Lopes.

**Doutor em Filosofia, professor da Universidade de Urbino, Itália.

Tentar organizar uma resistência significa esforçar-se para articular os fragmentos de verdades que, apesar de tudo, aqui e acolá terminam por aparecer graças aos momentos de desatenção da própria imprensa de informação e desinformação ou graças também à honestidade de algum jornalista isolado.

As imagens terríveis da filas de gente que foge de Kosovo não nos devem fazer perder de vista o fato que na Sérvia “a presença de refugiados é a mais alta que se registra na Europa: mais de 700 mil pessoas”,³ expulsas de suas terras, principalmente de Krajina, sob a iniciativa dos dirigentes croatas apoiados, bajulados e armados pelo Ocidente. Mas, na sociedade do espetáculo, é como se essa tragédia jamais houvesse ocorrido: é irrefutável a superioridade da potência de fogo multimidiática da Otan. É essa irrefutável superioridade permite anular totalmente uma outra tragédia, que nos remete diretamente a Kosovo: “Existem 70 mil fugitivos sérvios daquela área com os quais ninguém se preocupa”:⁴ abandonaram a região mais devastada da guerra, mas agora, na Sérvia, estão novamente sob os bombardeios.

Sim, sejam albaneses ou sérvios, os kosovares não estão fugindo “apenas dos bandos paramilitares, mas de uma guerra em que se combate em terra e no ar, pelos campos minados, pelo confronto entre a polícia especial de Milosevic e guerrilheiros separatistas, de mísseis e bombas que caem no centro habitado de Prístina, e que logo cairão também sobre escolas e hospitais, esvaziados à força pelos ‘fantasmas’ para esconder as tropas”.⁵ Na realidade, foge-se também da “região sérvia de Sandzak”: os muçulmanos param na Bósnia não porque são deportados, mas porque “temem recrutamentos obrigatórios”.⁶ Em Kosovo existe uma espécie de duplo recrutamento obrigatório, um dos quais foi proclamado pelo ELK,⁷ que, quanto à brutalidade em relação aos “renitentes” ou “traidores”, não é precedido por nenhum outro.

A própria guerra é já estimuladora da fuga em massa. E como poderia ser diferente? “O cenário de morte e de destruição existente hoje em Kosovo parece excluir as gerações do próximo século de uma perspectiva aceitável”.⁸ Há ainda um fato impressionante: confiáveis fontes católicas afirmam que, como já no Iraque, também no Kosovo, os Estados Unidos usam armas construídas com urânio empobrecido que provocam gravíssimas conseqüências genéticas.⁹ O presidente americano se apresenta como salvador dos kosovares, mas quem os salvará de um salvador que se assemelha, isto sim, a um anjo exterminador?

Fugindo do inferno de Kosovo, abre-se a perspectiva de alcançar o paraíso do Ocidente desde sempre desejado ardentemente: “aos kosovares em fuga, o ELK — segundo um jornal da Macedônia — teria prometido um visto para a Europa”.¹⁰ Como surpreender-se então com a enorme amplitude do êxodo? Os dirigentes sérvios afirmam que o êxodo foi provocado, em primeiro lugar, pelos bombardeios terroristas e que estão prontos a recolher os fugitivos. Na realidade, a fuga de uma população de duvidosa lealdade certamente não é desagradável a Belgrado que, por sua vez, deve tê-la incentivado e mesmo imposto em certas zonas, a fim de evitar a guerra em duas frentes e bloquear a fronteira, através da qual, durante muito tempo, passaram as armas que o Ocidente forneceu aos separatistas. Da parte dos sérvios seria um erro e um crime transformar essa lógica militar em uma operação de engenharia étnica. Mas uma coisa é certa: só idiotas podem tomar por ouro purificado a campanha de desinformação e de demonização de Milosevic desenvolvida por Washington.

Mas suponhamos que a maré humana em fuga de Kosovo seja o resultado exclusivo de uma política de deportação. Os últimos que poderiam clamar contra o escândalo seriam os Estados Unidos, porque são os verdadeiros responsáveis pela barbárie do confronto. Recentemente a televisão sérvia da Macedônia, TV 96, transmitiu o testemunho de um combatente do ELK: “Segundo o homem, nos meses passados um oficial americano, um certo Lens Jonstons, teria lhe fornecido um aparelho localizador, que serviria para indicar os deslocamentos das tropas sérvias antes e durante os bombardeios da Otan.”¹¹ Portanto, antes mesmo da explosão da crise, Washington procurava organizar uma quinta coluna que ajudasse a levar adiante os planos desde há muito elaborados com vistas a bombardear, incendiar e desmembrar a Iugoslávia.

Em todo caso, Clinton não podia ignorar as conseqüências do ato pelo qual ateou fogo na pólvora. Por mais medíocres que sejam seus conhecimentos históricos, pelo menos os seus conselheiros sabem muito bem como se comportou Franklin Delano Roosevelt logo após a explosão da Segunda Guerra Mundial: mandou deportar para os campos de concentração os cidadãos americanos de origem japonesa (inclusive mulheres e crianças), afastando-os até mesmo da América Latina e detendo-os ainda por algum tempo após o fim das hostilidades, em alguns casos, até 1948.¹² E os Estados Unidos não estavam sendo bombardeados dia e noite, não estavam expostos a riscos reais de desembarque por parte dos japoneses, nem viam em jogo sua integridade nacional, e mesmo a própria sobrevivência como Estado e como nação. Porque esse é o caso da Iugoslávia e do povo sérvio.

A força do Ocidente consiste nisto: com sua força bélica pode tornar impossível ou terrivelmente penosa a vida da própria população civil e, com sua força de fogo na multimídia, pode impedir que sejam consideradas como tal as devastações produzidas ante os olhos do mundo. Ora, os fugitivos (e consideram-se apenas os kosovares de origem albanesa) estão lá nos confins albaneses ou macedônios, mortos e expostos. Ainda em 3 de abril, uma honesta correspondente de Skopje reconhecia: “não existem ajudas organizadas. O potentíssimo Ocidente que do alto conduz sua guerra não é capaz de assegurar um mínimo de assistência às vítimas indiretas dessa guerra”.¹³ Na guerra desencadeada contra a Iugoslávia, mesmo os fugitivos são reféns e bombas à disposição do quartel general da Otan. A “intervenção humanitária” pode desenvolver-se sem nenhum limite.

Desde que, claro, nunca se perca de vista a diretriz estabelecida pelo Pentágono, que vimos transparecer no artigo do jornalista americano já citado: a “demonização de Milosevic” como único responsável do horror no Kosovo. Para melhor combater esse mito, aqui me apoiarei exclusivamente em fontes e testemunhas claramente hostis ao presidente sérvio.

TRAGÉDIA DA IUGOSLÁVIA, TRAGÉDIA DO KOSOVO

Começamos por Ronchey: “Não se pode, certamente, subestimar a atrocidade das repressões servas, mas tampouco se pode ignorar o terrorismo do ELK.” Potencialmente catastrófico, para toda a área dos Bálcãs, está seu projeto de Grande Albânia que deveria incorporar “terras macedônicas até Skopje”.¹⁴ Estamos diante de uma organização de tipo mafioso: impôs o pagamento de uma taxa a todo albanês dissidente; “mas também o tráfico da droga que vem do Afeganistão,

através da Turquia, para os mercados europeus, é ainda uma fonte de financiamento”.¹⁵ Até um funcionário americano achou bom esclarecer que o ELK é um “misto” de jovens “idealistas” e de “bandidos”; “essa gente não é necessariamente representativa do povo de Kosovo”.¹⁶

Toda a tragédia foi iniciada com a anulação da autonomia por parte de Milosevic? Na realidade “a revolta dos kosovares, que começou em 1981, após o desaparecimento do marechal Tito”, foi “seguida em 1988 da anulação de sua autonomia por decreto de Milosevic”¹⁷; “não faz muito tempo, eram os albaneses de Kosovo que reprimiam os sérvios do Kosovo e conduziam uma horrível limpeza étnica”.¹⁸

É um dado de fato que o percentual de população sérvia tem diminuído rapidamente nos últimos anos. Abramos uma importante enciclopédia alemã (*Brochhaus-Lexikon*, edição de 1982) e encontraremos no vocábulo “Kosovo”: que os sérvios constituíam cerca de 30% da população. Em pouco mais de dez anos, reduziu-se a menos de 10%. Mero resultado da taxa superior de incremento demográfico da população de origem albanesa (e da imigração ilegal)? Na realidade, “nos últimos dez anos [...] a ação dos grupos terroristas albaneses antes e depois do ELK fez fugir do Kosovo metade dos sérvios que lá residiam em 1991, reduzindo-os aos 9-10% de março de 1999”.¹⁹

Até a própria natalidade pode ser empunhada como arma. É esclarecedora uma entrevista do chefe da missão católica albanesa na Croácia. Don Ndue Balabaní — este é seu nome — declara: “Os sérvios têm medo da altíssima taxa de nossa natalidade. É previsível que em 2030 sobre o território da Sérvia existam mais albaneses que sérvios.” O entrevistador se pergunta: “os albaneses sonham conquistar não apenas Kosovo, mas toda a Sérvia?”²⁰

Por trás do projeto da Grande Albânia há uma terrível história. Por ocasião do primeiro desmembramento da Iugoslávia levado a efeito por Hitler e Mussolini, “Kosovo foi incorporado à Grande Albânia que, por sua vez, fazia parte do império italiano”; também nessa região, “as perseguições desencadeadas contra os sérvios [...] causaram uma imensa onda de fugas”.²¹ No momento da reconstituição da Iugoslávia, os sérvios, embora tivessem estado à frente da luta de libertação nacional e tivessem pago o maior tributo de mortos, aceitaram os sacrifícios corretamente sugeridos por Tito em nome da paz étnica: “a reestruturação do Estado fazia-se assim com desvantagem sobretudo para os sérvios que, novamente, foram divididos por fronteiras administrativas e se tornaram minoria na Croácia, Macedônia” e nas outras partes.²²

De alguma forma, os sérvios têm dado prova de moderação e têm se preocupado em salvar a unidade. Na metade dos anos 80, eles, “mesmo representando 36% da população Iugoslava, foram obrigados a dividir igualmente o poder com as outras cinco repúblicas e as duas províncias, ademais recebendo salários médios bastante mais baixos do que os eslovenos e os croatas”.²³ Mas aqueles que de dentro ou de fora queriam pôr fim à unidade da Iugoslávia sabiam contra quem deviam concentrar o foco. Já nos últimos anos da era de Tito a reação croata desencadeia uma campanha de ódio contra a maioria serva. Kardelj comenta amargamente: “Falta pouco para que sejam organizados campos de concentração.”²⁴ Com a nova dissolução e o novo desmembramento da Iugoslávia, para os sérvios parece repetir-se a tragédia vivida cerca de meio século antes.

É nesse contexto que se colocam as ocorrências do Kosovo. A progressiva crise e depois a queda do regime socialista na Albânia puseram fim à “suspensão temporária do nacionalismo como motivação ideológica pertinente” e deram novo fôlego ao projeto da Grande Albânia:²⁵ e o lugar do rei Zogu é assumido por Berisha, enquanto no lugar de Hitler e Mussolini entram o presidente americano e os aliados da Otan. Explica-se assim a ascensão do ELK, cujos efetivos “há um ano atrás não atingiam mais de 200 membros”; “estamos diante do primeiro caso na história de um pequeno e desconhecido grupo de rebeldes que em apenas um ano foi capaz de sentar-se a uma mesa de negociação da comunidade internacional”.²⁶

Milosevic não conseguiu estar à altura da situação e do trágico desafio? Sofreu também o contágio da onda de nacionalismo alimentada a partir do exterior? Não existe dúvida: Milosevic não é Tito; nem no que se refere ao carisma, nem no que se refere a orientação política. Decidida a partir da exigência de colocar fim a uma tragédia já em ato, a anulação (parcial) da autonomia de Kosovo provavelmente acelerou a catástrofe.

Mas é necessário perguntar-se por que uma convivência civil e pacífica continua a ser possível com a etnia dos húngaros fortemente presente na Voivodina, com as numerosas nacionalidades que ainda caracterizam a fisionomia da Iugoslávia, com as dezenas e dezenas de milhares de albaneses que vivem em Belgrado. E continua a ser possível também neste último caso ainda que, como vimos, os defensores da grande Albânia empunham também a arma da natalidade para prognosticar a dissolução final da Sérvia. Uma coisa é certa: “A nação erigida em símbolo da ‘limpeza étnica’ e da agressividade era habitada, até ontem, apenas por 60% de sérvios.”²⁷

Demonizar de modo exclusivo Milosevic significa de um lado fechar os olhos diante da complexidade das contradições nacionais da Iugoslávia e de outro lado dedicar toda atenção à campanha de desinformação orquestrada por Washington.

“A SÉRVIA DEVE MORRER”

É uma campanha que conta com precedentes ilustres. Com a explosão da Primeira Guerra Mundial, os círculos imperialistas alemães lançam o slogan: “A Sérvia deve morrer”. Em alemão diz-se: *Serbien muss sterbien* (a última palavra é obtida distorcendo *sterben*, morrer). E assim o slogan se transforma em uma sorte de verso fúnebre que não promete nada de bom para todo um povo, cujo defeito, explica um teórico do imperialismo alemão, Friedrich Naumann, é ser “perturbador profissional da paz”; mais exatamente, faz obstáculo com sua presença autônoma e desproporcional ao “canal de relação e comercial” com o Oriente.²⁸ Esse obstáculo deve ser superado a qualquer custo. Em 20 de novembro de 1917, o secretário-geral de Estado von Kühlmann relata a um jornalista do *Frankfurter Zeitung* algo impressionante, cuja responsabilidade atribui aos búlgaros, aliados (orientais) da Alemanha: “Os sérvios foram eliminados (*erledigt*) pela via administrativa: são conduzidos por razões de limpeza a centros de desinfecção e lá são eliminados por meio de gás.”²⁹

Não sabemos até que ponto esse testemunho é exato. Entretanto, demonstra a carga de ódio dirigida contra o povo sérvio. O projeto genocida foi ulterior-

mente aperfeiçoado com o Terceiro Reich e seus cúmplices. Na Croácia, Ante Pavelic, imitador de Hitler e teórico de uma “revolução racial”, realizou a eliminação física de judeus, ciganos e sobretudo, sérvios. É um “holocausto” sérvio.³⁰

Com a vitória triunfal dos Estados Unidos da América no curso da Guerra Fria, essa tragédia conheceu o início do terceiro ato. Abriu fogo, ainda outra vez, a Alemanha. Uma série de artigos do autorizado *Frankfurter Allgemeine Zeitung* preconiza o fornecimento de armas à Croácia, em violação da resolução da ONU, e esclarece quem são os bárbaros: a Sérvia “é um corpo estatal não europeu em todos os aspectos[...] com uma concepção oriental do direito semelhante àquela do Iraque”.³¹ É importante destacar que o alvo dessa campanha não é Milosevic, mas a Sérvia, o povo sérvio, enquanto tal.

Em termos análogos, e com maior precisão, expressou-se cerca de meio século antes um ideólogo do Terceiro Reich: “Os sérvios têm vontade política mais forte de dirigir; mas da parte dos croatas está a superioridade de um povo de antiga civilização, que, inserido na Áustria-Hungria, conservou, durante séculos, na área sul-oriental, a trilha extrema do Ocidente, enquanto a Sérvia tentou, em vão, superar o estado da barbárie.”³²

O atual órgão de comunicação da Confederação da indústria alemã retoma o ponto de vista do ideólogo do Terceiro Reich, mas este último é mais lúcido e mais preciso: os sérvios são massacrados não apenas enquanto bárbaros orientais, mas também porque são dotados de uma “forte vontade política”. E esse é o ponto de vista também de Pavelic, segundo o qual, comparados aos sérvios, os próprios muçulmanos bósnios são bem mais civilizados: nas suas veias corre “puríssimo sangue croata”.³³ Foram os sérvios que no passado constituíram o principal obstáculo para o controle dos Balcãs pela Alemanha tal como hoje o são para o controle dos Estados Unidos da América e de seus aliados e cúmplices. São os sérvios que devem ser demonizados.

Ao lermos as atuais proclamações da ONU parece estarmos relendo aquelas da Alemanha nazista: “Não oponhais resistência! Porque onde opuserdes resistência o único pagamento que podereis receber em resposta será a destruição de suas cidades, de seus povoados. Atenção Belgrado!”. A falar, ou melhor, a gritar deste modo está Hitler ou Clinton? Naturalmente, antes do presidente americano já o Führer se preocupou em esclarecer que ele estava em luta apenas contra o governo sérvio: “O povo alemão não tem nenhum ódio em relação ao povo sérvio ! [...] Mas agora fará o ajuste de contas com aquele bando de criminosos de Belgrado.”³⁴

O terceiro ato da tragédia do povo sérvio está em pleno desenvolvimento. Compreende-se que o escritor austríaco Peter Handke tenha falado a esse propósito de “holocausto”.³⁵ Portanto, um novo “holocausto”, após aquele infligido por Hitler e Mussolini. Talvez o futuro histórico veja nos sérvios o povo mártir, por excelência, dos anos noventa: o martírio dos judeus foi concluído com a derrota do Terceiro Reich, enquanto o dos sérvios, que iniciou a Primeira Guerra Mundial, ainda está em pleno desenvolvimento, e encontra respaldo não na indiferença, mas nos aplausos de muitos entre os grandes intelectuais de nosso tempo. Desejamos que eles vivam bastante tempo, suficientemente para poderem um dia se envergonhar.

DE UMA GUERRA COLONIAL A OUTRA

Na consciência coletiva do povo sérvio o presente se confunde e se funde com o passado: é uma única guerra de independência, uma única luta pela vida ou pela morte; em Belgrado e em outra cidade vai-se à praça agitando cartazes contra Adolf Clinton e Bill Hitler. De fato, a irresistível ascensão do império americano parece reconstituir, em mais alta escala, a irresistível ascensão do Terceiro Reich. Após o desmembramento do Iraque, separado das “zonas de proibição de vôo” e alvo de uma incessante campanha de bombardeios e desestabilização, é a vez da Jugoslávia: o seu primeiro desmembramento, em 1991, permitiu aos Estados Unidos e à Otan estabelecerem uma primeira cabeça de ponte nos Bálcãs, uma zona na imediata retaguarda do Oriente Médio, do qual Washington já se apossou e pretende manter a todo custo o controle exclusivo. A cabeça de ponte nos Bálcãs permite empurrar a Rússia sempre mais para trás e ampliar progressivamente o império americano a Leste, ao mesmo tempo que prepara o enfraquecimento da Europa. O espaço geopolítico deixado vazio pela dissolução do “campo socialista” e da URSS é soberanamente remodelado por Washington.

Agora a imprensa de “informação” e mesmo porta-vozes oficiais deste ou daquele governo também o admitem. Os selvagens bombardeios em curso pretendem consolidar definitivamente o “protetorado” dos Estados Unidos e da Otan sobre os Bálcãs. Enquanto remete à tradição colonial, o termo explicitamente usado traz à memória o “protetorado da Boêmia e Morávia”. A tentativa de ulterior desmembramento da Jugoslávia faz pensar no desmembramento da Checoslováquia imposto por Hitler nos dias que antecederam a Segunda Guerra Mundial. Também na Checoslováquia de Masarik e Benes existia o problema das minorias nacionais, cujos direitos nem sempre eram respeitados e eram às vezes gravemente violados: daí a agitação dos húngaros, dos rutenos, sobretudo dos alemães dos sudetos. O Kosovo de hoje como os sudetos de 60 anos atrás?

Após a guerra do Golfo, assistimos agora, no mundo reconfigurado depois da dissolução do “campo socialista”, à segunda grande guerra colonial. Se a primeira fez referência à necessidade de defender a legalidade internacional, a segunda vê a Otan proclamar o seu direito de intervenção hoje na Sérvia e amanhã em qualquer canto do mundo. Pelo menos sobre um ponto os julgamentos da imprensa internacional coincidem. A guerra em curso contra a Sérvia é um momento de mudança, sobretudo porque foi desencadeada contra um Estado soberano por uma formidável coalizão militar em violação ao próprio estatuto da Otan, que prevê apenas ações de defesa. Foi uma guerra totalmente organizada por fora da ONU. E como poderia ser diferente? Fundada sobre a onda da luta contra o nazifascismo (e contra a sua pretensão de consolidar o domínio da raça dos senhores sobre as populações coloniais e seus bárbaros estrangeiros à civilização branca ocidental), a Organização das Nações Unidas proclama “a igualdade de todos os seus membros”, cada um dos quais é chamado a respeitar a soberania, a independência, a dignidade do outro. Naturalmente, tal princípio foi, freqüentemente, sob os mais diversos pretextos, violado pelas grandes potências, mas agora foi explicitamente liquidado, como obsoleto. Retorna, em seu lugar, o princípio clássico de legitimação das guerras coloniais: sinônimo de civilização, o Ocidente tem o direito e o dever de difundir-la em cada canto do mundo; um país ou um chefe de Estado ocidental não pode ser colocado no mesmo plano de um país ou um chefe de Estado “bárbaro”.

É claro: é a lei do mais forte. Quem será a próxima vítima da marcha irresistível do império americano? O significado real da mudança está sob os olhos de todos. E, de fato, o compreende muito bem Gorbatchev: “Chamemo-la com o seu próprio nome: é uma agressão [...]. A operação militar da Otan é uma violação clamorosa ao direito internacional. É evidente o desejo da aliança ocidental, tendo os Estados Unidos da América à cabeça, de afirmar o direito da força, a própria posição monopolista no sistema mundial.”³⁶ Muito tardiamente o ex-dirigente soviético toma consciência de um desenho estratégico para cuja realização ele próprio, por criminosa ingenuidade, contribuiu fortemente.

Essa mudança estratégica dos Estados Unidos e da Otan é imediatamente refletida pela ideologia dominante. Quem mais se lembra dos apelos ao direito internacional (violado pela invasão por parte do Iraque de um Estado soberano como o Kuwait) que caracterizaram a guerra do Golfo? O editorialista do jornal *Stampa* censurou os ocidentais, ainda demasiado mornos em relação à nova aventura bélica, por permanecerem “agarrados a seus lugares-comuns”; por exemplo “ao clichê do direito internacional violado por uma guerra contra um Estado soberano”. E eis a conclusão peremptória: “não existe qualquer coisa semelhante a um direito internacional”.³⁷ Parece estarmos ouvindo novamente os generais de Guilherme II ou de Hitler, ou o próprio Führer em pessoa!

Ainda mais significativo é o retrocesso de Bobbio. Ele, que se colocava como guardião e sacerdote do direito internacional e da moral, agora declara que a questão essencial não é a “legitimidade”, mas efetivamente a “eficácia” de uma guerra. Contra Milosevic “a única coisa que conta é se a estratégia de dissuasão terá alcançado o efeito que se propõe”.³⁸

É enorme a aposta da guerra. A imprensa afirma que “os generais, de fato, obtiveram carta branca: podem tomar qualquer iniciativa para obrigar Belgrado à rendição”.³⁹ Mesmo crítico da operação em curso, cuja ideologia humanitária é uma piada, Kissinger convida a ir até o fim: “A Otan não pode sobreviver se suspender os bombardeios agora”.⁴⁰ Mesmo que agredida, por erro ou precipitadamente — como também admite o ex-secretário de Estado — “a Sérvia deve morrer” para que a Otan viva, para que esta conserve intacta e mesmo desenvolva posteriormente sua credibilidade, sua capacidade de aterrorizar todo país e todo povo mesmo no mais perdido recanto do planeta.

E ainda uma vez: ao crescimento da barbárie da prática corresponde o crescimento da barbárie da teoria. Para demonstrar que uma guerra, mesmo formalmente “ilegítima”, pode ser justificada pela sua “eficácia”, Bobbio dá um exemplo bastante inquietante:

A bomba atômica, por ter alcançado nada menos que o objetivo de pôr fim à Segunda Guerra Mundial, desagradou-me dever dizer, mas foi aceita por grande parte da opinião pública mundial. Se a guerra tivesse continuado, os duzentos mil mortos de Hiroshima teriam sido multiplicados não se sabe por quanto. Naturalmente se tem sustentado que a guerra igualmente poderia ter terminado, mas a história não se faz com o se.

Pareceria dever se deduzir que não existem objeções de princípio à eventual destruição atômica de Belgrado, de Bagdá e amanhã de, quem sabe, qualquer outra capital!

DO “IMPERIALISMO ÉTICO” À “INTERVENÇÃO HUMANITÁRIA”

Tudo, em nome da ingerência democrática ou da “intervenção imperialista”. É esta a nova ideologia do imperialismo. Na verdade, ela é menos nova do que pode parecer à primeira vista. A partir do desenvolvimento do movimento democrático e socialista internacional e da resistência dos povos coloniais, a partir sobretudo da Revolução de Outubro, as grandes potências imperiais têm se empenhado em procurar uma nova roupagem: eis que emerge o “intervencionismo democrático” e até mesmo o “imperialismo ético”. Este último slogan levamos à Alemanha. Ao terminar a Primeira Guerra Mundial, desenvolve-se um interessante debate, do qual é protagonista sobretudo Max von Baden (que se tornou chanceler do Reich na última fase do II Reich imperial):

Ao pretender resistir às tempestades da democracia e à sua reivindicação de uma melhoria do mundo o imperialismo alemão deve dar-se um fundamento ético [...]. Atualmente podemos tranqüilamente inserir em nosso programa os fins da humanidade [...], estamos na feliz situação de poder escrever o pensamento do direito sobre as nossas bandeiras [...]. O direito está conosco.

Nesse espaço de tempo, com Brest-Litovsk, o II Reich conquistou um enorme espaço colonial no Leste e então um general esclareceu os objetivos desta expansão: “A finalidade da nossa política oriental não é fazer violência aos Estados menores, mas garantir-lhes a liberdade e a ordem”; “trata-se de perseguir fins humanos universais”.⁴¹

Como não pensar na atual ingerência “humanitária”? Nada de novo sob o sol! Por outra parte, o expansionismo americano colonial tem sempre assumido a pretensão de difundir a civilização no mundo e entre os bárbaros. Ao desencadear sua guerra de extermínio contra a Etiópia, o próprio Mussolini, após difamar o soberano Hailê Selassié como tirano e “negreiro”, coloca-se como exemplo da causa da libertação dos infelizes escravos vítimas da opressão. Deve-se acrescentar que, de fato, alguma forma de escravidão subsistia na Etiópia, mas de longe menos bárbara do que aquela introduzida pelo Duce.

Uma dialética análoga se desenvolve em nossos dias. Vejamos o argumento com o qual Bobbio justificou os bombardeios maciços sobre o Iraque, ordenados por Clinton em meio ao belo caso Lewinski: “Certamente Saddam é um tirano. Há escritores e pensadores mesmo católicos que justificaram moralmente o tiranicídio”.⁴² O importante é que isto não provoque vítimas colaterais. Daí porque têm sido perdoadas, ou melhor santificadas, as tentativas de assassinar com bombas “inteligentes” o chefe de Estado iraquiano, e talvez também o iugoslavo, sem considerar os “truques sujos”, colocados em ação pela CIA para eliminar Fidel Castro. Mas atribuir ao presidente americano o direito de condenar à morte cada um daqueles que ele classifica soberanamente como déspotas, não significa teorizar um despotismo planetário mais odioso do que aquele que se pretende querer eliminar?

Os jornais nos informam que o general Clark, chamado a dirigir a guerra contra a Iugoslávia, além de ter feito carreira no Vietnã e na guerra do Golfo, foi comandante também das tropas americanas no Panamá e no Caribe. Um papel qualquer deve ter desenvolvido na operação “Justa causa”. Em dezembro de 1989, a invasão do Panamá foi precedida de intensos bombardeios, desencadeados sem

declaração de guerra e sem aviso prévio: bairros altamente povoados foram surpreendidos na noite das bombas e das chamas. Foi elevado o número de mortos: as estimativas vão de 202 a 4.000. A administração dos Estados Unidos é discreta. Não existe nenhum interesse pela precisão, tanto mais que perderam a vida, em imensa maioria, “civis, pobres e de pele escura”. Pelo menos 15 mil ficaram sem teto: trata-se portanto do “episódio mais sanguinário” na história do pequeno país.⁴³ Qual ingerência é mais “humanitária” do que essa?

Agora é a vez da Iugoslávia. Os seus dirigentes tinham na prática aceitado a parte política de Rambouillet e portanto estavam dispostos a conceder uma amplíssima autonomia a Kosovo; só não esperavam ver cancelada sua soberania territorial e ascender um protetorado USA e Otan. Mas era exatamente esse o objetivo de Washington! E, evidentemente, via intervenção humanitária! No Kurdistão — reconhece Kissinger — “foi um número de mortos infinitamente superior” e os Estados Unidos da América avaliaram bem ao intervir.⁴⁴ Na realidade — nós podemos acrescentar — são crimes horríveis. E agora o regime turco é até chamado a apoiar no plano diplomático e logístico, amanhã talvez também mais diretamente militar, a ingerência “humanitária” na Iugoslávia.

HITLER, CLINTON E O PRINCÍPIO DA “AUTODETERMINAÇÃO”

Permanecendo firme a necessidade de rejeitar e denunciar a brutalidade e a hipocrisia da agressão imperialista, que atitude a esquerda deve assumir sobre Kosovo? Está clara a necessidade de se opor a toda forma de opressão nacional, de discriminação étnica e racial, mas como pronunciar-se sobre o caso concreto? Existem grupos comunistas, sobretudo trotskistas, que, dizendo-se apoiados em Lênin, agitam a bandeira da autodeterminação do Kosovo, da Macedônia, de Montenegro, em suma nos Balcãs e em cada canto do mundo. Quando lançava essa palavra de ordem, o grande dirigente revolucionário pensava sobretudo nos povos coloniais oprimidos pelo imperialismo, seja o marítimo das grandes potências ocidentais, seja o ocidental da Rússia czarista. Mas, hoje, reivindicar em abstrato a autodeterminação significa desmembrar a Iugoslávia, favorecendo a secessão do Kosovo e depois, a secessão da região do Kosovo habitada pelos sérvios. Um processo análogo seria posto em movimento na Macedônia, na Voivodina etc. Seria o triunfo do imperialismo que, com base na força econômica, mediática e militar, teria a possibilidade de fazer saltar os equilíbrios étnicos em todos os países do mundo, impor a ingerência “humanitária” e, enfim, dominar uma miríade de pequenos Estados, suscetíveis de serem fragmentados ulteriormente, segundo o capricho do soberano de Washington. É segundo essa lógica que o Ocidente de fato fez valer o princípio da autodeterminação para a Eslovênia e a Croácia, mas não no interior da Croácia, para a Krajina sérvia; o fez valer para a Bósnia, mas não para a região de maioria sérvia; está a fazer valer para Kosovo, mas não para as zonas onde os sérvios constituem a maioria.

Já Hitler, sabiamente, soube utilizar a questão nacional. Vimos o desmembramento da Checoslováquia a partir dos sudetos. A mesma tática foi posta em ação frente à Polônia, onde existia uma minoria alemã, cujos direitos eram, frequentemente, pisoteados e que se tornaram objeto de horríveis *pogroms* nos dias imediatamente sucessivos à agressão nazista (o “domingo de sangue” de Brom-

berg). Enfim, o modo pelo qual Hitler e Mussolini conseguiram desmembrar a Iugoslávia faz pensar na história de nossos dias.

Hoje, a situação é bem diferente dos tempos de Lênin. Não é apenas nos Balcãs que as etnias tendem a distribuir-se como mancha de leopardo. Absolutizar o princípio da autodeterminação significa carregar uma bomba-relógio em cada parte do mundo. Os fluxos migratórios, legais e “ilegais” que atingem cada país põem em contato povos e civilizações com graus de desenvolvimento e taxas de incremento demográfico bastante diferentes entre elas (é também isso que explica a maioria absoluta da etnia albanesa em Kosovo). Absolutizar o princípio da autodeterminação significa estimular os diversos países a erigirem uma barreira contra os fluxos migratórios, de modo a conservar a própria identidade étnica e evitar uma solicitação posterior de permanência dos migrantes. Por algum tempo a Internacional Comunista alimentou a idéia de um Estado nacional no Sul dos Estados Unidos, onde estavam concentrados, em larga escala, os ex-escravos. Atualmente tal projeto seria de todo irrealista, mesmo que ainda seja alimentado pela “Nação do Islã” de Farrakhan.

Certamente põe-se mais que nunca o problema da criação de um Estado nacional palestino. Estamos em uma região onde a questão colonial se apresenta ainda nos seus termos clássicos (os camponeses palestinos são sistematicamente expropriados das suas melhores terras, de seus recursos hídricos, etc.). Mas mesmo nesse caso é difícil absolutizar o princípio da autodeterminação: ele é invocado também pelas colônias hebraicas que se expandem sempre mais com o consentimento e a ajuda das autoridades israelenses exatamente a fim de tornar impossível a criação de um Estado nacional palestino com um mínimo de contiguidade territorial e de credibilidade.

O problema dos novos termos da questão nacional será posteriormente aprofundado (é aqui apenas mencionado). No que se refere à crise atual não se trata de criminalizar ninguém. Os legítimos direitos nacionais dos sérvios e dos albaneses, que bem ou mal na Iugoslávia de Tito tinham encontrado um ponto de equilíbrio, entraram em trágico conflito, em primeiro lugar por causa da intervenção do imperialismo. Será um processo longo e cansativo restabelecer uma convivência pacífica e civil, e esse resultado poderá assumir formas políticas, institucionais e territoriais, sobre as quais cabe ao futuro decidir. No que se refere ao presente existe apenas uma certeza. O imperialismo americano está manipulando a questão real dos direitos nacionais dos kosovares de origem albanesa: ele procura esfomear e condenar à apatia todo povo pouco respeitoso do *diktat* de Washington, pretende explicitamente ditar lei em toda parte do mundo, empenha-se com todos os meios em desmembrar o Iraque e em completar o desmembramento da Iugoslávia. A derrota do imperialismo, do nacionalismo fanático e da prática da opressão nacional, a vitória do princípio da igualdade entre os povos e as nações passa pela derrota dos Estados Unidos e a vitória da Iugoslávia e do povo sérvio.

NEM CLINTON NEM MILOSEVIC

Foi o que compreenderam muito bem os comunistas em Cuba, na China e no Vietnã. Particularmente dura é a condenação expressa por esses países: os seus dirigentes chamam a atenção para o fato de que os Estados Unidos utilizam a Iugoslávia também como polígono de tiro para a experimentação de armas novas e mais assassinas. Em termos análogos têm-se expressado também os comunistas russos.

Mas qual é a reação da esquerda e dos comunistas da Itália e na Europa? Deixamos, obviamente à parte, com todo o desprezo que merecem, os vários Blair, Jospin, Schröder e D'Alema. Hoje se repete em escala mais ampla a vergonha de uma "esquerda" imperial que foi avalista das infâmias da traição colonial e contra a qual se insurgiram Lênin e o movimento comunista. Falamos, ao contrário, daqueles que, de um modo ou de outro, ainda fazem referência à tradição comunista e à sua melhor herança de luta contra o colonialismo e o imperialismo. Podemos tomar como referência a entrevista de um político e intelectual merecidamente bastante estimado, que teve a dignidade de se demitir do comitê dirigente dos Democratici di Sinistra,⁴⁵ em sinal de protesto contra o posicionamento deste partido. Ao explicar seu gesto, Aldo Tortorella parte de uma premissa. "Milosevic é um açougueiro, e nesse plano estamos todos de acordo".⁴⁶

Não, não estamos todos de acordo. Peter Handke falou sim de "açougueiros", mas em referência aos Estados Unidos e à Otan. O escritor austríaco acrescentou que "desde 24 de março a Sérvia, Montenegro e a Iugoslávia são a pátria de todos aqueles que não se tornaram açougueiros".⁴⁷ Com efeito, por que chamar de "açougueiro" a Milosevic e não a Clinton? Com efeito, com o seu criminoso embargo, o presidente americano está exterminando a população do Iraque; não poucas vezes a imprensa americana e internacional formulou a suspeita de que certos bombardeios foram ordenados com o olho nas eleições e nas sondagens de opinião ou mesmo face ao desenvolvimento do caso Lewinsky. E que dizer então do bombardeio aéreo diário que continua a ser efetuado em nome do respeito de uma *no fly zone* imposta em desrespeito ao direito internacional e ao estatuto da ONU. Cabe acrescentar que o "açougueiro" de Washington exige a sua grande cota de vítimas cotidianas não apenas no curso de uma dramática luta pela existência nacional e até mesmo pessoal, mas também nos intervalos entre uma campanha eleitoral e um escândalo sexual.

E agora uma segunda pergunta. Existe uma guerra colonial que não tenha difamado os dirigentes dos países e povos agredidos como "açougueiros", "perseguidores", "criminosos", "bárbaros" capazes de toda infâmia? É no leito dessa tradição que se coloca Bobbio, quando emite seu parecer de censura ou verdadeiramente a sua *fatwa*⁴⁸ contra "Milosevic, o ditador, o tirano, o provocador, o gerador de guerra"; "o objetivo atual da ação da Otan é abater" esse monstro. A ser atingida pelos bombardeios devastadores é a Sérvia, mas no quadro aqui traçado sobre a Sérvia "geradora da guerra", a Otan responde com uma "ação". Bobbio exacerba posteriormente a dose: Milosevic é um "nacionalista desmedido".⁴⁹ Mas por que o presidente sérvio, que procura bloquear o posterior desmembramento de seu país, não deveria ser mais nacionalista que Clinton que declara agradecer a Deus por tê-lo feito nascer americano, atribui aos Estados Unidos a "missão" eterna, "sem tempo" de "guiar o mundo", proclama que a nação americana é a única "nação indispensável" e se atribui, portanto, o direito de intervir em desprezo ao direito internacional em toda parte do mundo? As definições e os aspectos generosamente proclamados por Bobbio não têm nenhum sentido lógico, mas, é claro, quando o assunto são os bárbaros, podemos dispensar o respeito às regras do direito, tanto quanto às da lógica.

Vimos Mussolini erigir-se em campeão da causa da emancipação dos escravos. Mais tarde, os comunistas italianos saudaram a revolução etíope que derrubou o rei; mas no momento da agressão fascista nunca lhes veio à mente lançar

palavras de ordem do tipo “Nem com Mussolini, nem com Hailê Selassiê!”. Fazendo um retrocesso, nem mesmo em 1911, quando a guerra contra a Líbia foi desencadeada por um governo “progressista”, que introduziu o sufrágio universal (ou quase) para os homens adultos; nem mesmo em tal ocasião o movimento operário italiano assumiu posições de terceira força: “Nem com Giolitti, nem com o império otomano!”. É evidente que os países imperialistas e colonialistas são em geral mais desenvolvidos no que se refere à ordem jurídica e política do que os países que eles põem na mira. Mas insistir sobre o atraso e sobre a barbárie destes últimos significa perder de vista a contradição principal e ser condescendente na prática com a ideologia colonial.

É grave, por isso, a posição daqueles comunistas que declaram condenar ao mesmo tempo e do mesmo modo o embargo e os bombardeios contra o Iraque de um lado e a ditadura de Sadam Hussein do outro. Existem até mesmo alguns que condenam as diversas violências militares ordenadas por Washington apenas pelo fato de que são “inúteis” e não conseguem derrotar os atuais dirigentes. Deveremos, então, aplaudir se os Estados Unidos conseguirem assassinar o presidente iraquiano com um míssil “inteligente” e sem danos “colaterais”? Na realidade Sadam Hussein certamente não é pior do que os xeques favoráveis a Washington. Em todo caso, é falta de sentido de realidade exigir a democracia em um país debilitado pelo embargo e pela guerra ainda em curso e, sobretudo, pelas incessantes, declaradas tentativas de desestabilização e desmembramento, além de eliminação física de sua classe dirigente. É necessário dizer com clareza: a posição que se pode sintetizar na palavra de ordem “Nem com Clinton, nem com Sadam” é expressão indireta da ideologia do imperialismo nas próprias fileiras comunistas.

Considerações análogas podem ser feitas no que se refere à guerra contra a Iugoslávia. Devemos exprimir a nossa aflição pelo fato de que a posição de Milošević foi reforçada e dar conselhos a Clinton sobre como fazer melhor o seu trabalho de canalha? Na verdade, seria esforço inútil: ao dar conselhos do gênero pensa-se já, entre os outros, no príncipe Alexander, “herdeiro do trono da Iugoslávia”. Devemos exprimir simpatia ao atual presidente de Montenegro, o “liberal” e “reformista” Djukanovic, que procura sabotar o esforço bélico da Iugoslávia? Significaria apoiar de fato os esforços da Otan para desmembrar posteriormente o país, significaria apoiar a guerra suja de Clinton. Devemos gritar até o escândalo, porque o governo de Belgrado impõe o fechamento da Rádio B 92, conhecido centro de subversão e toca de espionagem dos Estados Unidos? A memória de um glorioso capítulo de história é apagada: nos terríveis anos 30 e 40, os comunistas invocavam o punho de ferro contra a quinta coluna do imperialismo hitleriano. Mas é menos terrível o período que hoje atravessa a Iugoslávia?

E, entretanto, não se pode fechar os olhos ante o horror do êxodo do Kosovo. Mesmo ao se querer tomar por verdadeiras todas as notícias provenientes de um sistema de informação atualmente militarizado, é necessário dizer que essa objeção não pode ser assumida por uma esquerda que continua a considerar Bobbio como uma espécie de *praeceptor humanitatis* e portanto como interlocutor privilegiado. Vimos o filósofo turinense apelar a uma justificativa retrospectiva do recurso à bomba atômica em Hiroshima e Nagasaki. Mas, então, se é lícito a um país já vitorioso retirar da face da terra algumas centenas de milhares de pessoas, por que, para um país interessado em uma luta pela vida e pela morte, não deveria não ser lícito deportá-las?

O SENTIMENTO DE VERGONHA E A NECESSIDADE DA LUTA

Os desdobramentos dessa segunda grande guerra colonial podem ser de enorme importância para a humanidade. Sem massacrar a Iugoslávia — escreve uma jornalista que se posiciona como ideóloga do Estado-Maior da Otan e do Ocidente — “a guerra triunfalmente vitoriosa em 1989 teria sido logo perdida”. (Spinelli,1999). Sim, a derrota do “campo socialista” e a dissolução da URSS deram novo fôlego ao imperialismo e ao projeto USA de sancionar de uma vez para sempre o triunfo do “século americano”. Agora a realização deste projeto encontra um obstáculo imprevisto e formidável. Os olhos do mundo estão concentrados sobre Belgrado. Belgrado como Stalingrado?

O povo que soube derrotar a selvagem expedição punitiva do imperador austríaco Francisco José, a tentativa de genocídio conduzida por Hitler e Mussolini; o povo cuja resistência às pressões de Stálin foi, a seu tempo, bastante exaltada pelo Ocidente, está agora empenhado em uma luta heróica contra a agressão imperialista desencadeada por Clinton e por seus aliados e cúmplices.

É uma luta que interpela a todos. Não se trata só de exprimir o desdém contra os “açougueiros” da Otan que se reúnem em Washington ou em Roma. É necessário empenhar-se concretamente, em duas direções: 1) fazer chegar à Iugoslávia e ao povo sérvio toda a ajuda financeira e material possível; 2) combater eficazmente a obra dos “açougueiros”, obstaculizando o deslocamento da máquina de guerra e de morte. A Itália tem uma tarefa particular. À época participou com Hitler da campanha de extermínio da Iugoslávia; não podemos deixar de sentir vergonha pelo fato de que nosso país desenvolve um papel central na agressão em curso. Não podemos permanecer passivos!

Urbino, 5 de abril de 1999

NOTAS

- 1 Gianluca Di Feo, "Belgrado, bombardati i palazzi del potere", em *Corriere della Sera*, 1º de abril, 1999, p. 3.
- 2 Roger Cohen, "Will Milosevic's Brutality Preclude Any Negotiation With the West?", em *International Herald Tribune*, 31 de março, 1999, p. 2.
- 3 Giuseppe Zaccaria, "Tra i disparati nella terra di nessuno", em *La Stampa*, 3 de abril, 1999, p. 5.
- 4 Vuk Draskovic, "Qui non ci sono traditore", entrevista al vicepremier jugoslavo a cura de Fernando Mazzetti, em *La Stampa*, 3 de abril, 1999, p. 9.
- 5 Massimo Nava, "Su Pristina l'ombra di Arkan. Torna il Terrore delle squadre-killer. Non si trovano i corpi dei leader albanesi", em *Corriere della Sera*, 31 de março, 1999, p. 4.
- 6 Monseñor Pero Sudar (entrevista a), "La lezione di Sarajevo non è servita", a cura di Antonio Giorgi, em *Avvenire*, 4 de abril, 1999, p. 4.
- 7 ELK é a sigla do chamado Exército de Libertação Nacional (Nota da tradutora).
- 8 Massimo Nava, "Se Milosevic si rafforza", em *Corriere della Sera*, 30 de março, 1999, pp. 1-15.
- 9 Maurizio Cecchetti, "Il pacifismo: dall'ideologia al quieto vivere?", em *Avvenire*, 3 de abril, 1999, p. 8.
- 10 Massimo Nava, "La Pulizia étnica come arma per realizzare i sogni di conquista nei Balcani", em *Corriere della Sera*, 4 de abril, 1999, p. 7.
- 11 Claudio Monici, "L'Ombra di un nuovo Afghanistan alle porte dell'Europa. L'Uck come i mujaheddin: finanziati com la droga. E armati dagli USA?", em *Avvenire*, abril, 1999, p. 6.
- 12 Domenico Losurdo, *Il revisionismo storico. Problemi e miti* (Roma/Bari: Laterza, 1996), pp. 184-185.
- 13 Giuseppe Zaccaria, "Tra i disparati nella terra di nessuno", em *La Stampa*, 3 de abril, 1999, p. 5.
- 14 Alberto Ronchey, "Secoli invano", em *Corriere della Sera*, 29 março, 1999, p. 1.
- 15 Claudio Monici, "L'Ombra di un nuovo Afghanistan alle porte dell'Europa. L'Uck come i mujaheddin: finanziati com la droga. E armati dagli USA?", cit.
- 16 Bartom Gellman, "Ugle Choice Loms for Allies if the 'Genocide' Continues", em *International Herald Tribune*, 29 março, 1999, pp. 1-8.
- 17 Alberto Ronchey, "Secoli invano", cit.
- 18 Stephen S. Rosenfel, "Look Again: Resist the Temptation to Demonize Serbs", em *International Herald Tribune*, 29 março, 1999, p. 10.
- 19 Giacomo Scotti, "'Il Kosovo a noit', dice il surprete", em *Il Manifesto*, 2 de abril, 1999, p. 7.
- 20 *Ibidem*.
- 21 Jozé Pirjeve, *Il giorno di San Vito. Jugoslavia 1918-1992. Storia di una tragedia* (Turim: Nuova ERI, 1993), p. 214.
- 22 *Ibidem*.
- 23 *Ibid.*, p. 502.
- 24 *Ibid.*, p. 393.
- 25 Misha Glenmy, *The Fall of Jugoslavia (1992)* (2ª edição revista e atualizada. Londres: Peguin, 1993), pp. 68-70.
- 26 Claudio Monici, "L'Ombra di un nuovo Afghanistan alle porte dell'Europa. L'Uck come i mujaheddin: finanziati com la droga. E armati dagli USA?", cit.
- 27 Massimo Nava, "La Pulizia étnica come arma per realizzare i sogni di conquista nei Balcani", em *Corriere della Sera*, 4 de abril, 1999, p. 7.
- 28 Wolf-Dieter Gudopp, *Auf dem weg in den Dritten Weltkrieg?* (Frankfurt: Verein Wissenschaft & Sozialismus, 1993), pp. 18-20.
- 29 Domenico Losurdo, *Il revisionismo storico. Problemi e miti*, cit., p. 182.
- 30 Jozé Pirjeve, *Il giorno di San Vito. Jugoslavia 1918-1992. Storia di una tragedia*, cit., p. 151.
- 31 Wolf-Dieter Gudopp, *Auf dem weg in den Dritten Weltkrieg?*, cit., p. 156.
- 32 Enzo Collotti, "Penetrazione economica e digregazione statale: premesse e conseguenze dell'agressione nazista alla Iugoslavia", Enzo Collotti & Teodoro Sala, *Le potenze dell'Asse e la Iugoslavia. Saggi e documenti 1941/1943* (Milão: Feltrinelli, 1974), p. 45.
- 33 Jozé Pirjeve, *Il giorno di San Vito. Jugoslavia 1918-1992. Storia di una tragedia*, cit., p. 151.

DOMENICO LOSURDO

- 34 Enzo Collotti, "Penetrazione economica e digregazione statale: premesse e conseguenze dell'agresione nazista alla Iugoslavia", cit., pp. 36-38.
- 35 Peter Handke, "Jugoslavia patria di chi non c'è macellaio", em *La Stampa*, 27 março, 1999 p. 6.
- 36 Mikhail Gorbatchev, "Fermate questa aggressione", em *La Stampa*, 25 março, 1999, p. 4.
- 37 Barbara Spinelli, "L'incubo della memoria" em *La Stampa*, 25 março, 1999, pp 1-6.
- 38 Norberto Bobbio, "Una guerra illegitima. 'Ma se Sadam cadrà, sarà stata efficace'", intervista a Maurizio Assalto e Alberto Papuzzi, em *La Stampa*, 20 dezembro, 1998, p. 5.
- 39 Gianluca Di Feo, "Belgrado, bombardati i palazzi del potere", em *Corriere della Sera*, 1º abril, 1999, p. 3.
- 40 Henry Kissinger, "Clinton bocciato in storia", em *La Stampa*, 31 março, 1999.
- 41 Reinhard Opitz, *Europastrategien des Deutschen Kapitals 1900-1945* (Colônia: Pahl-Rugenstein, 1977), pp. 436-50; Wolf-Dieter Gudopp, *Auf dem Weg in den Dritten Weltkrieg* (Frankfurt: Verein Wissenschaft & Sozialismus, 1993), pp. 50-51.
- 42 Norberto Bobbio, "Una guerra illegitima. 'Ma se Sadam cadrà, sarà stata efficace'", cit.
- 43 Kevin Buckley, *Panama. The Whole Story* (Nova York: Simon & Schuster, 1991), pp. 240, 246.
- 44 Henry Kissinger, "Clinton bocciato in storia", cit.
- 45 Referência ao PDS-Partido della Democracia della Sinistra (nota da tradutora).
- 46 Aldo Tortorella, "Vado via, la guerra è troppo", em *La Stampa*, 2 abril, 1999, p. 7.
- 47 Peter Handke, "Jugoslavia patria di chi non c'è macellaio", cit.
- 48 Termo árabe que significa decisão de uma autoridade religiosa islâmica (nota da tradutora).
- 49 Norberto Bobbio, "L'America ricorda la lezione del Vietnam?", intervista a Alberto Papuzzi, *La Stampa*, 28 março, 1999, p. 3.

Grandeza e agonia da Iugoslávia

João Quartim de Moraes*

DE HITLER A SCHROEDER

Em março de 1941, Belgrado foi arrasada pelos caças e bombardeiros da Luftwaffe, ostentando a cruz gamada do III Reich. Em março de 1999, a Luftwaffe do IV Reich, agora na mais modesta condição de integrante de uma força maior, sem ostentar, portanto, o emblema hitleriano, retomou a obra de destruição tanto de Belgrado quanto do resto da já muito desmembrada Iugoslávia. A comparação pode parecer exagerada. Mas comparar é discernir o que têm em comum situações diferentes. O IV Reich não se confunde com o III, assim como o III (de Hitler) não se confunde com o II (de Bismarck), nem estes com o I (que se perde nas brumas medievais). Mas a diferença entre Schroeder e Kohl não é maior do que entre a SA e a SS. *Deutschland über alles!*

A política expansionista alemã é examinada mais detidamente em outros estudos deste dossiê. Enfatizaremos apenas que o objetivo final visado por Hellmut Kohl e, em larga medida, atingido por seu sucessor Schroeder, com a destruição da república federativa socialista autogestionária iugoslava, é a reconstituição do espaço geopolítico do império austro-húngaro: uma poeira de pequenas nacionalidades eslavas, além da Hungria (sócio menor de sempre) e da Romênia, sob a tutela germânica. Todo sistema de dominação comporta hierarquia. Assim como o extinto império do Danúbio Azul colocara-se sob a tutela do II Reich (Viena era capital da valsa, mas o poder hegemônico estava em Berlim) e a república austríaca criada após a Primeira Guerra Mundial sob a do III Reich, o IV Reich presta vassalagem ao império estadunidense, mas relativamente aos demais sócios da Otan (como a França, a Itália ou a Espanha, representada por um certo Solana, oficialmente secretário-geral da mortífera organização, na prática mero estafeta do comando imperial),¹ pôs-se no topo da hierarquia: não foi de modo algum mero coadjuvante, mas protagonista principal da destruição da Iugoslávia.

Não era exatamente esse o sonho de Hitler. Queria a Alemanha num absoluto primeiro lugar (*über alles*). Queria também exterminar os judeus, além dos comunistas. Schroeder, na trilha de Kohl, deu grande contribuição para erradicar da Europa o que sobrara desses. (Em filigrana, mas reiteradamente, a máquina mediática da Otan caracterizou Milosevic como um sobrevivente do “socialismo real”. Resistiu firmemente, em todo caso, à “globalization” imperial.) Mas os judeus encastelados nessa grande base militar estadunidense que é o Estado de Israel gozam hoje de privilégios político-estratégicos que fariam o desespero do grande celerado da cruz gamada e que lhes permitem vingar-se sobre os palestinos das atrocidades sofridas sob o jugo do Ocidente cristão.

Desola ter que admitir que o cartel dos países mais ricos e poderosos do planeta reinventou, no final do século XX, servindo-se de meios de destruição maciça incomparavelmente mais mortíferos e demolidores, o método que os fran-

*Professor da Unicamp

ceses chamavam da “*cannonière coloniale*”, com o qual operou-se, ao longo do século XIX, a divisão territorial do mundo entre as grandes potências capitalistas de então. Argumentos “civilizatórios” e “humanitários”, esgrimidos pelos plúmiferos imperiais e coloniais, abundaram naquela época como nesta. A diferença é que os meios de intoxicação mental progrediram tão notavelmente quanto os de destruição.

UM CESTO DE OSTRAS

Um dos mais dantescos episódios de *Kaputt*, estupendo fruto literário fecundado no charco sangrento e putrefato da Segunda Guerra Mundial por um dos mais cativantes escritores italianos do século XX, o célebre Curzio Malaparte, transcorre na Iugoslávia e tem por herói Ante Pavelich, chefe dos *ustachis*, organização terrorista dos fascistas croatas, protegidos por Hitler, por Mussolini e pela Hungria, cujo currículo incluía o assassinato do rei Alexandre e do ministro francês Barthou² e que, com a invasão da Iugoslávia pelas hordas hitlerianas, criou, à sombra protetora do III Reich, o Estado livre da Croácia.

Corria o mês de abril de 1941. Malaparte viajava de Belgrado a Zagreb, onde Ante Pavelich, “Poglawnick da Croácia”, “reinava com seus bandos de *ustachis*”. Em todas as aldeias haviam sido afixados nos muros e paredes grandes retratos seus, acompanhados dos manifestos, proclamações, editos do novo “Estado Nacional Croata”.³ Eclodia a primavera. Do Danúbio e do Drávia subia “uma bruma transparente, cor de prata”. Na encosta das colinas, vinhedos e trigais “confundiam-se num jogo de luzes e sombras sob o sedoso azul do céu”. As estradas enlameadas obrigaram-no a pernoitar em Ilok, entre Novi Sad e Vucovar. No único albergue, jantavam, em torno da mesa coletiva, “camponeses armados, policiais ostentando no peito distintivos croatas por cima de uniformes sérvios e alguns refugiados [...]” Terminado o jantar, os viajantes sentaram-se na varanda do albergue.

O Danúbio brilhava sob a lua; víamos desaparecer e reaparecer, entre as árvores, as luzes dos rebocadores e das barcas [...] Era a hora do toque de recolher. Patrulhas de camponeses armados batiam na porta dos judeus para o controle vespertino, chamando-os pelo nome com voz monótona. As portas estavam marcadas pela estrela de Davi pintada com tinta vermelha.⁴ Os judeus se mostravam na janela dizendo : — Estamos aqui, estamos em casa. Os camponeses respondiam: — Dobro, dobro, golpeando a terra com a coronha de seus fuzis [...]

Exausto, à meia-noite Malaparte foi dormir. Dormiu mal. Pela janela aberta via a lua erguer-se suavemente acima das árvores e dos telhados. Na fachada da casa de frente, sede dos *ustachis* de Ilok, exibia-se um enorme retrato de Ante Pavelich.

O Poglawnik encarava-me com seus grandes olhos negros, profundamente cravados numa testa baixa, dura e teimosa. Sua boca era larga, lábios espessos, nariz reto e carnudo, vastas orelhas. Jamais teria imaginado que um homem pudesse ter orelhas tão grandes, tão compridas. Elas desciam-lhe até o meio da cara, ridículas e monstruosas [...]

De madrugada, uma companhia da Honved (polícia militar húngara) passou sob a janela, entoando seu canto “triste e cruel”.

Malaparte reencontrou ambos, o retrato do orelhudo Hitler da Croácia e os policiais húngaros, no mercado de Vucovar. O retrato perseguiu-o até o gabinete do retratado, instalado em Zagreb, num palácio da cidade velha. Ao dar de cara com o próprio, pareceu-lhe encontrar “um velho amigo”, conhecido “desde um tempo imemorial”. Observou de perto sua cara achatada, “de traços duros e grosseiros”, da qual emanava “um ar de estupidez indefinível”. Explicou-o “por suas enormes orelhas que, vistas de perto, pareciam ainda maiores, mais ridículas, mais monstruosas que em seus retratos”.

Meses depois, voltando da frente russa, de onde enviara reportagens perigosamente imprudentes para quem já passara cinco anos nas prisões de Mussolini (em síntese, mostrara por que a Rússia iria ganhar a guerra), cansado e doente, parou de novo alguns dias em Zagreb para descansar. Na noite da chegada, conversando com um amigo croata no salão do Café da Esplanada, foi descoberto pelo empavonado comandante P., ex-capitão do exército imperial austríaco, que se tornara chefe de gabinete do Poglawnik e nessa qualidade o intimou cordialmente a visitar o dono do poder local na manhã seguinte. “— Colocarei seu nome na lista de audiências: o Poglawnik terá prazer em revê-lo. E em voz baixa, como se estivesse fazendo uma amorosa confidência, acrescentou : — Grande, grande prazer!”

Ao entrar no gabinete, onde já estivera na visita anterior, Malaparte por pouco não se chocou com a mesa. “— É um sistema que inventei”, explicou Pavelic, apertando-lhe a mão sorridente. “Alguém que entrasse aqui com intenções criminosas, ao se chocar com a mesa e dar bruscamente de frente comigo, ficaria desconcertado e se trairia. É um método oposto ao de Hitler e de Mussolini, que deixam entre eles e seus visitantes o espaço vazio de uma sala imensa.” Enquanto ele falava, o visitante observava as profundas mudanças fisionômicas que sofrera. Só a voz se mantivera grave, musical, extremamente doce. “Voz de um homem simples, bom, generoso.” Já as orelhas “tinham emagrecido prodigiosamente”. Observando “suas grossas mãos peludas, sua frente baixa, dura, cabeçuda, suas orelhas monstruosas”, Malaparte sentiu “uma espécie de piedade por aquele homem simples, bom, generoso, rico de um sentimento humano tão delicado”. É que a situação política, desde sua anterior visita, tinha se agravado singularmente. “A revolta dos camponeses crepitava em toda a Croácia, de Zemun a Zagreb. Uma profunda, uma sincera dor, escavava a fisionomia pálida [...] do Poglawnik. Como ele deve sofrer, pensei, esse coração de ouro!”

A conversa foi interrompida pela chegada do representante diplomático de Mussolini, Raffaele Casertano. Entrou imediatamente: estava em casa. A conversa girou em torno da atualidade. “Os bandos de partisans,⁵ de noite, atacavam até nos subúrbios de Zagreb. Mas os fiéis *ustachis* de Pavelic logo poriam fim a essa desagradável guerrilha”. “— O povo croata, dizia ele, quer ser governado com bondade e com justiça. Eu estou aqui para garantir a bondade e a justiça.”

Enquanto ele falava, Malaparte observava um cesto de palha colocado sobre a mesa. A tampa estava levantada: via-se que o cesto estava cheio de frutos do mar. Pelo menos foi o que lhe pareceu. “Pareciam ostras, mas retiradas de suas cascas, como vemos às vezes em grandes bandejas, nas vitrinas de Fortnum and Mason, em Picadilly, Londres.” Casertano perguntou, dando-lhe uma piscada de olhos: “— Que tal uma bela sopa de ostras?” Malaparte perguntou se eram ostras da Dalmácia. O Poglawnik destampou o cesto e mostrando aqueles frutos do mar,

aquela massa de ostras viscosa e gelatinosa, respondeu “com um sorriso, seu bom sorriso cansado: — É um presente de meus fiéis *ustachis*; são vinte quilos de olhos humanos”.

A IUGOSLÁVIA QUE O IMPERIALISMO ASSASSINOU

Durante quarenta anos, dirigida pela Liga dos Comunistas, a Iugoslávia viveu em paz, com alguma prosperidade e intocável independência, conquistada numa das mais heróicas lutas de *partisans* da Segunda Guerra Mundial, a única que conseguiu, na Europa subjugada por Hitler e sequazes, expulsar sozinha os invasores alemães e seus sócios “*ustachis*”. Viveu também em clima de tolerância religiosa, confirmado, em 1980, numa série de reportagens sobre as religiões na Iugoslávia escritas para *Le Monde* pelo jornalista francês Henri Fesquet, que, entre outras observações no mesmo sentido, notou que “o vigor da imprensa confessional é tanto um indicador do interesse dos iugoslavos quanto da moderação das autoridades, que não impõem nenhuma limitação de papel, como poderiam ser tentadas a fazer”. “*Glas Koncilia*, por exemplo, importante publicação quinzenal católica, atinge cerca de 300.000 leitores [...]”⁶

Em 1948, a independência tão duramente arrancada foi posta em questão pela tentativa de Stálin de impor aos comunistas iugoslavos a mesma férrea tutela que estava introduzindo, com métodos sabidamente policialescos, nas demais democracias populares do Leste europeu. Tito disse não a Stálin, que, na impossibilidade de dobrá-lo, teve de se contentar com excomungá-lo. Na década seguinte, foi Stálin que acabou excomungado em seu próprio país por Kruschchev, que se reconciliou com a Iugoslávia nos anos 60.

Em 26 de maio de 1977, *Financial Times*, como se sabe absolutamente insuspeito de qualquer simpatia por qualquer forma de socialismo, consagrou à Iugoslávia um número de seu “Survey”, no qual declara em subtítulo que ela estava se tornando “both more stable and more prosperous”. Todos os homens são mortais. Distinguem-se, entretanto, diante da morte, pela natureza e intensidade do impacto que deixam ao desaparecer. Quanto mais um homem avança em anos, mais sua morte se torna previsível, até para o *Financial Times*. Como em tudo mais que se escreveu e disse na época a respeito do futuro da Iugoslávia, o jornal britânico enfatizou as inevitáveis dificuldades políticas do “após-Tito”. Para a Iugoslávia em particular e para o comunismo em geral, a morte do colossal dirigente se inscrevia como um problema tão previsível quanto inelutável. Tito morreu no dia 4 de maio de 1980. Só dez anos depois, entretanto, ativaram-se as forças internas e externas que promoveriam a destruição da Iugoslávia. Ainda em 1991, entretanto, a despeito das dificuldades suscitadas pelo desaparecimento de Tito (que era croata, não há de ser inútil lembrar), o PIB *per capita* da Sérvia (menos próspera que a Eslovênia e a Croácia) atingia US\$ 5.440. Uma década de guerras de desmembramento, coroada pelo bombardeio humanitário promovido pela civilização democrática ocidental, abaixaram-no para cerca de US\$ 500.

A agonia da Iugoslávia não começou portanto com a morte de seu grande dirigente e sim nos primeiros meses de 1991, com o imenso terremoto político, inteiramente imprevisível pelos politólogos do Ocidente, inclusive os mais festejados e bem remunerados, que derrubou como castelo de cartas o bloco socialista

da Europa oriental. Desfazia-se também o chamado “socialismo das cabras” albanês. E a própria União Soviética navegava à deriva, desgovernada pelo falso timoneiro da *glasnost* e da *perestroika*, que logo seria apeado do poder por um aventureiro vulgar, mas capaz, entre duas garrafas de vodca, de todas as audácias. Seguramente não há de ter sido por mera coincidência que, também no início de 1991, o dúbio Michail Gorbachov foi deposto por Bóris Ieltsin, à frente da contra-revolução liberal, catastrófico retrocesso histórico de nossa época.

Que o Kosovo expunha, ao lado da Croácia e da Voivodina, uma das principais brechas para o desmembramento e destruição da Iugoslávia, já se sabia e se dizia desde o início dos anos 90. Urdido na cúpula do governo Kohl, apoiado pelo papa integrista João Paulo II (o Vaticano e o IV Reich em gestação foram os primeiros Estados que com suspeitíssima rapidez reconheceram a secessão da Eslovênia e da Croácia), o brutal desmanche contou primeiro com a complacência, mais tarde com a participação ativa, dos estadunidenses. Os que imaginam elucidar o problema repetindo, como papagaios, que os kosovares têm direito à autodeterminação, ganhariam em compreensão se consentissem em refletir sobre três questões preliminares: a) autodeterminação não é, nem pode ser, sinônimo de secessão automática. É preciso desconhecer inteiramente o mapa linguístico-cultural da Europa oriental para sustentar o contrário; b) o sagrado direito à autodeterminação dos kosovares de língua albanesa não anula o mesmo e também sagrado direito dos sérvios do Kosovo; c) salvo a abolir, como quer o império, o princípio da soberania estatal e da inviolabilidade do território sobre o qual ele se aplica, o Kosovo faz (atualmente apenas em teoria) parte da República Sérvia.

No dia 12 de dezembro de 1990, antes mesmo do completo triunfo da contra-revolução liberal na Albânia, Sali Berisha, um de seus principais articuladores, declarou num comício de oposição em Tirana, que reuniu, segundo a imprensa ocidental, mais de 100.000 pessoas, e que marcou a fundação do Partido Democrático, do qual ele se tornaria o chefe, que “não podia aceitar como eterna a divisão do povo albanês”. *Problems of communism*, publicação da USIS, portanto órgão do governo dos Estados Unidos, contrapôs elogiosamente essa tomada de posição claramente anexionista sobre o Kosovo à atitude dos comunistas albaneses “que tinham quase totalmente ignorado a questão”. Berisha acrescentou, em seguida, sua disposição de lutar “no contexto do processo de integração na Europa, para realizar os direitos (albaneses) ao progresso e à unidade nacional”.⁷ A anexação do Kosovo estava portanto na ordem do dia desde o início da “*globalization*”.

Albaneses, poloneses, húngaros, checos, eslovacos, eslovenos, croatas, rutenos, bessarábios, romenos, búlgaros, lituanos, letões, estonianos e muitas outras pequenas nacionalidades da Europa central e oriental viveram a maior parte de suas histórias sob dominação imperial. O desmantelamento do império austro-húngaro e do II Reich alemão, de um lado, a grande Revolução de Outubro na Rússia, de outro, permitiram que muitas delas se tornassem independentes, no mais das vezes sob a forma de frágeis micro-Estados. Sobre a nação albanesa, notadamente (mas seu caso não é o único), pesa um longo hábito de colaboração com os impérios dominantes. Os janízaros, tropa de choque do império otomano, recrutavam-se em larga medida na Albânia, que mais tarde tornou-se protetorado mussoliniano e simpaticamente nazistófilo. A ditadura comunista de Enver Hoxha, que muitos na esquerda, não sem algum fundamento, classificaram como “socia-

lismo das cabras” (abundantes nesse árido e rochoso país), na falta talvez de outros méritos, garantiu-lhe zelosa independência. Derrubado o comunismo, chegaram ao poder aventureiros de toda classe, responsáveis pela enorme falcatura financeira que provocou, em 1997, uma insurreição espasmódica. Caoticamente estilhaçado, o Estado albanês foi remendado às pressas sob a tutela das grandes potências imperiais. A vocação para a vassalagem uma vez mais prosperou.

A solução federativa é a única alternativa para as pequenas nacionalidades europeias à lógica da vassalagem. Além de Tito, defendeu-a, relativamente aos Balcãs, outro grande dirigente comunista, o búlgaro Georges Dimitrov. Aniquilando-a criminosamente, a Europa Unida da Otan e do capital financeiro instaurou um espaço geopolítico que projeta para o século XXI as seqüelas históricas do império otomano, do império austro-húngaro e do III Reich. As teses do historiador Arno Mayer sobre a força da tradição continuam encontrando ampla confirmação histórica.

QUANTO VALE O ARGUMENTO HUMANITÁRIO?

O único preceito, em matéria de “direitos humanos”, que o império do dólar e seus sócios eurocratas respeitam estritamente é aquele formulado por Hobbes: “*homo hominis lupus*”. São necessários, com efeito, tesouros de ingenuidade, ou da mais espessa hipocrisia, para pretender levar a sério as motivações humanitárias da máquina de guerra posta em movimento pela Otan, cujos principais integrantes, Estados Unidos e Inglaterra, de parceria com a França, Alemanha, Itália e outros coadjuvantes, têm todos péssimos antecedentes em matéria de respeito à integridade territorial e aos direitos dos povos à autodeterminação. A preocupação dessas potências dominantes do capitalismo internacional (cuja principal contribuição aos “direitos do homem” ao longo do século XX se resume em duas guerras mundiais, dezenas de guerras coloniais e outros tantos golpes de Estado reacionários e terroristas de um canto ao outro do planeta, no apoio a tantos massacradores impenitentes) com os “direitos humanos” faria rir se o drama da Iugoslávia não fosse demasiado trágico. Ainda assim, só como galhofa de péssimo gosto se pode entender a pretensão, expressa por um vulgar histrião e comprovado mentiroso como Clinton (condenado como tal pela justiça de seu próprio país) de que as motivações do ataque à Iugoslávia eram “morais”. É preciso crer fervorosamente em toda sorte de milagres para admitir a extraordinária metamorfose filantrópica por que teriam passado o Pentágono e a CIA, célebre por sua folha corrida no ramo do adestramento e armamento de celerados reacionários e no apoio à longa e sinistra galeria de ditadores homicidas e ladrões contumazes como o filipino Marcos, o indonésio Suharto, além do generalíssimo Franco, do senador vitalício Pinochet (agora às voltas com a justiça inglesa, mas decisivamente apoiado pelos buldogues imperiais na derrubada e assassinato de Salvador Allende) e dezenas de outros integrantes do crime político organizado!

A “globalização” da imbecilidade permite todos os descaramentos, viabiliza as imposturas as mais hipócritas e as mentiras as mais afrontosas, inclusive pretender “proteger os kosovares” por meio de bombardeios destinados a fazer os sérvios voltarem à idade da pedra (essa fórmula sórdida foi utilizada por Bush a propósito do Iraque). Com certeza, o êxodo dos kosovares de língua albanesa foi um fato

tão indiscutível quanto os bombardeios da Otan. Sem dúvida, é estatisticamente impossível que as acusações feitas por esses refugiados contra a polícia sérvia sejam fruto da imaginação. Resta saber, entretanto, e este é o ponto decisivo, se as violências cometidas contra os albaneses no Kosovo resultaram de ordens do governo sérvio ou se inscrevem na perversa espiral de ódio entre as duas comunidades levada ao paroxismo pelo infame bombardeio da Otan. Em favor da segunda hipótese, cabe notar que não se pode imputar sem mais a Milosevic todas as violências cometidas pelos sérvios, ao ver seu país ser destruído e seus compatriotas massacrados. Em particular, aquelas cometidas pelos *chechniks*, formação paramilitar da direita monarquista sérvia. O ELK, organização mercenária albanesa treinada e equipada pelo IV Reich, e notoriamente ligada ao tráfico de entorpecentes, utilizou todos os métodos terroristas, principalmente os mais solertes, contra a população sérvia. A guerrilha é um método. Como tal, pode ser utilizada em vista dos mais diversos objetivos. Os do ELK são no essencial idênticos aos dos “contra” na Nicarágua, antes deles aos dos mercenários que derrubaram Jacobo Arbenz na Guatemala⁸ e aos de *dezenas* de outros terroristas profissionais a soldo do império. Num aspecto, são piores ainda: muitos deles ao menos correram algum risco no terreno, agindo como ponta de lança do neocolonialismo, ao passo que os “guerrilheiros” albaneses guardaram sua valentia para ocupar o Kosovo e massacrar civis sérvios no rastro e sob a proteção das tropas de ocupação da Otan.

O jornalista francês Gilles Lapouge, num dos poucos artigos minimamente críticos sobre o ELK que pudemos colher na imprensa brasileira, manifesta “espanto” com o apoio da Otan a um movimento “composto por guerrilheiros exaltados e impiedosos, hábeis em assassinar soldados sérvios pelas costas, com a única intenção de provocar a vingança de Milosevic, favorecendo, assim, a intervenção dos aliados” e por isso mesmo classificado de mero “grupo terrorista” por “Robert Gelbard, conselheiro do presidente Clinton para assuntos balcânicos”. O “marxismo” ou “maoísmo” de alguns membros do ELK não resistiu a um punhado de dólares. De qualquer modo, é prova de bom senso adotar um rótulo ideológico do que admitir serem meros bandoleiros ou traficantes de estupefacientes. O chefe do ELK, um certo Hashia Thaci, mais conhecido pela expressiva alcunha de “Serpente”, que também posou de “marxista-leninista”, tornou-se o interlocutor privilegiado da sinistra Madeleine Albright, durante a “conferência” (na verdade um *ultimatum* contra a Sérvia) de Rambouillet. O “Serpente” albanês está longe de ser o único “marxista-leninista” teratológico, mas não tem predecessores, tanto quanto sabemos, em interpretar essa filiação ideológica como consistindo em pôr-se às ordens do Departamento de Estado do império estadunidense. Nessa qualidade tem se exibido ao lado dos altos comandantes das forças de ocupação, sem mostrar, obviamente, nenhuma preocupação “ideológica” além das que lhe impõem a condição de estafeta de Clinton e Albright.

BOMBARDEIO E INTOXICAÇÃO MENTAL: DE BAGDÁ A BELGRADO

A eficiência da mentira eletrônica está na razão direta dos formidáveis meios técnicos que manipula. O controle monopolístico exercido pelos meios privados de comunicação social sobre uma opinião pública desinformada, quando não intoxicada, manifestou-se com mais evidência do que nunca no bombardeio ideológico que fantasiou de defesa dos direitos humanos, do mundo livre e da demo-

cracia, sórdidas operações coloniais de aniquilamento, regadas com dólares e mísseis, como as que arrasaram o Iraque e a Sérvia.

No que concerne ao primeiro desses dois grandes massacres genocidas que inauguraram a “*globalization*”, a desinformação mistificadora começou com a operação pretensamente destinada a “proteger” a monarquia feudal saudita de um eventual ataque iraquiano. Tanto assim que foi inicialmente batizada de “Escudo do deserto”: um escudo é uma arma de defesa. Logo que conseguiram extorquir do Conselho de Segurança um boné da ONU para suas tropas de choque,⁹ os imperialistas mudaram o nome de sua operação para “Tempestade no deserto”. Já então, a diplomacia de Bush e parceiros consistia em bloquear qualquer possibilidade de recuo por parte de Saddam Hussein que não fosse a capitulação humilhante. Tratava-se, para os soldados do dólar, de rentabilizar os gastos da bilionária expedição. A mera evacuação do Kuwait não seria considerada lucro suficiente para empresa de tamanha envergadura. Quebrar o Iraque, derrubar Saddam Hussein, passou a constituir um objetivo essencial dos Estados Unidos. Se não o atingiram, não foi por falta de sanha genocida.

Durante a destruição da Sérvia, a corja mediática, sempre pronta a derramar lágrimas de crocodilo diante do drama dos kosovares, esqueceu até seu forte reflexo corporatista, ao noticiar sem a menor indignação a destruição das emissoras sérvias e a morte de dezenas de jornalistas e outros trabalhadores. Blair, expressão paradigmática da degenerescência ético-política do trabalhismo inglês, justificou os sucessivos e mortíferos bombardeios sobre a TV sérvia com o notabilíssimo argumento de que ela fazia propaganda do governo iugoslavo. Só Goebbels tinha ido tão longe no descaramento. Ironicamente, a única fórmula crível de um mentiroso arrazoado antiugoslavo do governante imperial-trabalhista (reproduzido na *Folha de S. Paulo*, de 19 de abril), proclama que “os ditadores precisam saber que não poderão promover ‘limpeza étnica’ ou reprimir suas populações impunemente”. A verdade, mais além da ameaça, está na conclusão implícita: agredir outros povos é privilégio reservado para as metrópoles imperiais e seus satélites. Seu acólito, J. Shea, porta-voz da Otan, num *rictus* entre arrogante e mórbido, reiterava ameaças à Iugoslávia, em nome da “comunidade internacional”. Agia como vulgar impostor, já que essa quimérica entidade não lhe conferiu nenhum mandato. Mas dispunha de uma rede internacional muito mais poderosa do que jamais sonharam outros massacradores, em que pontificam, além da BBC e da CNN (da qual se pode dizer, no mínimo, que perto dela Roberto Marinho e fâmulos são meros aprendizes), a ABC News, comandada pelo célebre Mickey Mouse.¹⁰ Seus métodos de manipular a “notícia” inspiram-se no macarthismo. Mentem literalmente por dever de ofício. Um dos mais furibundos, um certo John McWethy, especialista em “esquentar a cabeça” dos extremistas do império, lançou vibrante apelo à cruzada contra a Coreia do Norte, “cujos dirigentes imprevisíveis e fanáticos”, “talvez mais perigosos” do que os do Iraque, estavam tentando “fabricar mísseis capazes de atingir os Estados Unidos”. Perspectiva “aterradora” para o comunicador mediático: em sua filosofia de “*pitbull*”, considera normal que só o Ocidente disponha e se sirva de mísseis e armas nucleares. (Vale lembrar que entre 1950 e 1953 o império massacrou cerca de 3 milhões de coreanos e quase desencadeou uma guerra nuclear.)

Faz parte da intoxicação da opinião pública a diabolização do adversário que ousou não inclinar a cabeça ao império. A altivez dos pobres é insuportável

para os lacaios. A *Folha de S. Paulo*, que bajulou vergonhosamente, anos a fio, a ditadura militar brasileira, só trata Milosevic de “ditador”. O mesmo tratamento é sistematicamente reservado a Saddam Hussein. A natureza do poder político exercido por Saddam Hussein pode até ser ditatorial, mas essa meia verdade se torna impostura mistificadora na boca dos que o tratam de ditador mas reservam o mais simpático tratamento mediático aos reis, emires e outros potentados feudais árabes vassallos do império estadunidense e aos “presidentes” que batem continência para o colonialismo.¹¹ Hezbollah, corajosa organização palestina de resistência à ocupação israelense, é sempre mediaticamente classificada como terrorista, epíteto que caberia mil vezes mais ao Estado israelense, que tortura sistematicamente militantes palestinos¹² e tem sido governado, a maior parte do tempo, por catedráticos do terrorismo, como Begin e Shamir, este responsável, juntamente com Ariel Sharon, então chefe do Estado-Maior do exército israelense que havia invadido e ocupava o Líbano, em parceria com as milícias fascistas do famigerado major Haddad, pelos atroz *pogroms* nas aldeias palestinas de Sabra e Chatila.¹³

No auge do novo bombardeio sobre Bagdá, promovido em dezembro de 1998 por Clinton com o sórdido objetivo de distrair a opinião pública do processo de *impeachment* que então lhe era movido, um certo Ferran Sales assinou na *Folha de S. Paulo* “notícia” que merece figurar em bom lugar numa antologia da calhordice jornalística globalizada. Enquanto aquela capital estava sendo criminosamente bombardeada pelos mercenários do Pentágono e a defesa civil iraquiana esalfava-se, com poucos meios, para apagar incêndios, remover escombros, socorrer feridos, a preocupação do jornalista sabujo era denunciar o “esquema anti-rebelião” do “ditador do Iraque”. “A mobilização dessa milícia” [isto é, da defesa civil], comandada por militares vestidos à paisana, era visível, especialmente de madrugada, quando os mísseis Tomahawk explodiam e a cidade parecia deserta.”¹⁴ Manejando com eficiência a desinformação mediática entre nós, por cortejar a sensibilidade cultural espontânea do intelectual médio, o jornal *Folha de S. Paulo* exibiu, ao longo da destruição da Sérvia, outros exemplos particularmente grotescos do contraste da bajulação com a diabolização.

Assim como os traficantes de droga de tanto pôr a mão na massa acabam tornando-se drogados (quando já não o eram), os intoxicadores também se intoxicam. Senão como compreender, conforme observou um jornalista de *Le Monde Diplomatique*,¹⁵ que as duas principais armas utilizadas na destruição da Iugoslávia sob pretexto de impedir a “limpeza étnica” foram os mísseis Tomahawk e os helicópteros “Apache”, nomes de duas tribos “pele-vermelha” exterminadas pelos estadunidenses no século XIX? Cinismo, estultice,¹⁶ mas sobretudo arrogância sem limites.

A “TERCEIRA VIA” É A DOS MÍSSEIS

Em 1977, por ocasião das comemorações dos 60 anos da Revolução de Outubro, tomando a palavra em Moscou na qualidade de secretário-geral do então Partido Comunista Italiano (PCI), Enrico Berlinguer declarou com ênfase adequada à solenidade da circunstância que “a democracia é hoje não apenas o terreno no qual o adversário de classe é obrigado a retroceder mas é também o valor historicamente universal sobre o qual fundar uma original sociedade socialista”. Vinculada à corrente “eurocomunista”, ruidosamente efêmera tentativa de abrir uma “terceira via” entre o comunismo soviético e a social-democracia, a doutrina

de Berlinger tirou seu sucesso da simpática defesa dos ideais políticos das revoluções burguesas, notadamente da Revolução Francesa de 1789-1793, que os exprime na Declaração dos Direitos Universais do Homem e do Cidadão.¹⁷ O profeta do “valor universal da democracia” pretendia inserir sua abortada terceira “via” *entre* o comunismo soviético e a social-democracia. A brilhante idéia foi retomada por Blair, Schroeder e parceiros. Mas agora, com mais objetividade, para pôr a via dita terceira *entre* o neoliberalismo extremado e a social-democracia.

Último fruto, já podre por dentro, da proclamação grandiloqüente de Enrico Berlinger, D’Alema seguiu a reboque da caravana da Otan, tentando sujar-se só um pouco com a destruição da Iugoslávia. De quando em vez assaltava-o um resto de escrúpulo. Em 26 de março disse estar disposto a intervir para conseguir uma trégua nos bombardeios. Se tentou, não foi levado a sério pelo Pentágono e pelo sócio britânico, que o mandaram de volta ao fim da fila. Obedeceu sem maiores protestos. Mesmo porque só tinha falado para italiano ouvir. A posição miserável de seu governo transpareceu quando, em entrevista à RAI, procurou justificar o apoio italiano ao furor bélico anglo-estadunidense, com o argumento de que “não poderíamos lavar as mãos” (diante do que ocorria no Kosovo). Trocadilho ou ato falho? No país da máfia, a primeira grande ofensiva político-judiciária contra a imensa organização criminosa ítalo-americana intitulou-se operação “mãos limpas”. (Também o governo Jospin quer sujar-se só pela metade. Apoiou a fundo a destruição da Sérvia e a entrega do Kosovo à máfia albanesa, mas tem condenado os bombardeios crônicos do Iraque pela dupla Clinton-Blair.)

Mutatis mutandis, a Itália desempenhou na guerra imperial de aniquilamento da Iugoslávia o papel desempenhado pela monarquia feudal saúdita na guerra imperial de aniquilamento do Iraque. Serviu de base de ataque e portanto ficou mais perto dos bombardeios. Exatamente o que teria feito o criptofascista Berlusconi se estivesse no governo. Mais arrogante do que o colega italiano, Jospin, chefe do governo francês, declarou publicamente que o bombardeio da Sérvia era uma “guerra pela civilização”. Nove anos antes o melífluo liberal Norberto Bobbio havia qualificado de “guerra justa” a agressão colonial dos Estados Unidos e das potências capitalistas satélites contra o Iraque. Voltou a se pronunciar a propósito da Sérvia, para aplaudir os bombardeios, que também foram abençoados pelo arcebispo de Canterbury.

Como todos os “moderados” a serviço da ordem estabelecida, os governos “centristas radicais” da Inglaterra e Alemanha e os de centro-esquerda da Itália e da França empenharam-se em demonstrar ao poder hegemônico do império que são tão confiáveis quanto os partidos de direita. Utilizaram o argumento politológico de que era preciso participar do “esforço de guerra” para ter voz na discussão da paz.¹⁸ (Paz de cemitérios, pouco importa: o importante era demonstrar que com as ordens da Otan não se brinca.) Trocando a ecologia pela teratologia, também seus amigos verdes mostraram que nas horas decisivas sua tonalidade preferida é a cor de dólar. Os social-democratas surpreenderam menos: co-responsáveis pela monstruosa Primeira Guerra Mundial, seu acumpliciamento ativo com o terrorismo aéreo da Otan apenas reativou uma velha tradição colonialista e belicista. A social-democracia francesa, em particular, herdeira da pomposamente intitulada Section Française de l’Internationale Ouvrière (SFIO), que, além da grande traição de 1914, acumulara em seu passivo a inominável repressão dos patriotas argelinos, chafurda de novo na trilha sangrenta do colonialismo “civilizatório”.

Cessados os bombardeios, terminado o massacre balístico, Xavier Solana, oficialmente secretário-geral da OTAN, de fato mero estafeta do império, foi se exhibir no Kosovo, logo seguido pela hedionda Albright, pelo híbrido Robin Cook, ministro do Exterior inglês, pelo verde-míssil Joschka Fischer, ministro do IV Reich, e outros eurocratas.

A REVANCHE PLANETÁRIA DO LIBERAL-IMPERIALISMO

Projetar psicologia na ação dos aparelhos estatais é sempre arriscado, mas desde que suas tropas em vergonhosa debandada se acotovelavam disputando, às vezes de arma em punho, os últimos lugares nos últimos aviões que deixavam a península indochinesa, palco de alguns dos mais hediondos crimes de guerra de um século em que eles foram incontáveis e atrozes, o império estadunidense (sob governo republicano ou democrata, pouco importa, já que não há diferença alguma entre eles em matéria de dominação planetária), preparou-se meticulosamente para a revanche. Não podia aceitar que o ciclo de guerras sempre vitoriosas de conquista, aberto por uma das mais implacáveis “limpezas étnicas” da história, o genocídio dos “pele-vermelha”, seguido da anexação, em meados do século XIX, da metade setentrional do México, da expropriação, em 1898, ao moribundo império espanhol, de Cuba, Porto Rico, muitas ilhas do Pacífico, notadamente as Filipinas, e culminando a 8 de agosto de 1945 com a hecatombe nuclear de Hiroshima, seguida, dois dias depois, pela de Nagasaki, fosse encerrado no Vietnã, que arrasaram e calcinaram com fúria genocida, sem contudo evitar uma completa derrota.

O império voltou às lides bélicas menos de uma década depois, no início dos anos 1980, em *low profile*, começando pela minúscula ilha de Granada e passando em seguida a financiar mercenários para desenvolver terrorismo em larga escala na Nicarágua revolucionária e em El Salvador. Esses feitos d’armas não chegaram, entretanto, a configurar proezas militares suficientes para satisfazer a sede de revanche dos valentões do Pentágono. Magnífica oportunidade lhes foi entretanto propiciada, na virada da década de 1980 para a de 1990, quando a URSS, tendo perdido fôlego na tentativa de competir militarmente com a “guerra na estrelas” promovida pelo complexo militar-industrial estadunidense, não resistiu ao completo fracasso da *perestroïca* (patética e funestamente irônica tentativa de instaurar uma “economia social de mercado” no momento histórico em que o capitalismo desenvolvido acentuava seu caráter anti-social) e desabou como um colosso de pés de argila.

Afastado o perigo vermelho, a máquina de guerra do Pentágono retomou, com a sanha covarde dos que sabem não ter pela frente adversário de força comparável, a agressão dos povos periféricos, com a truculenta invasão do Panamá para derrubar e prender o presidente Noriega. Operação com pelo menos dois objetivos sordidamente cínicos: “queima de arquivo” (Noriega conhecia a fundo as torpezas da CIA, com a qual havia colaborado em fase anterior de sua carreira) e ruptura da espinha dorsal do Exército panamenho, ainda impregnado do espírito antiimperialista que lhe legara o coronel Torrijos. Os invasores norte-americanos mataram alguns milhares de panamenhos e ocuparam o país até colocar no governo um de seus fâmulos locais.

Noticiado com a habitual “compreensão” pela imprensa a soldo do dólar, o estupro colonial foi tanto mais facilmente deglutido pelos meios políticos liberais que ocorreu simultaneamente com uma de suas mais grotescas farsas mediáticas: o pretense massacre de Timishoara, na Romênia, onde o regime de Ceausescu desabava junto com o resto do Sorex. A imprensa noticiou que a polícia comunista havia massacrado naquela cidade centenas de manifestantes democratas. Descobriu-se que os “massacrados” haviam sido retirados do necrotério local para ser fotografados pelas agências ocidentais. Alguns jornais sérios, como *Le Monde*, tiveram a honestidade de reconhecer a sinistra comédia. A maioria dos que haviam “denunciado” mais esse odioso crime dos comunistas, agiu como de costume em tais situações: pelo silêncio.

Episódio comparável ocorreu durante a destruição da Sérvia. Os “comunicadores” ocidentais noticiaram que Ibrahim Rugova, dirigente “moderado” dos kosovares albaneses, tinha sido fuzilado por Milosevic. Quando, dias depois, o “fuzilado” apareceu na televisão sérvia discutindo com seu “carrasco”, a corja mediática não soube explicar sua ressurreição. O ELK, sem dúvida descontente de ver seu rival moderado em perfeito estado de saúde, classificou-o de traidor. O que não impediu Rugova de deslocar-se para a Itália, deixando-se fotografar, no dia 10 de maio, ao lado de João Paulo II e reiterar sua posição favorável ao prosseguimento dos bombardeios. Também o papa (que confia na Divina Providência mas não a ponto de dispensar o papa-móvel) se absteve de decidir se a presença do ex-morto configurava um milagre.

O pretexto para o grande salto na escalada bélica imperial foi dado com a invasão do Kuwait, que ofereceu uma ocasião única não somente para retornar em posição de força às principais fontes da mais importante matéria prima não-renovável do planeta, mas também, como enfatizaram com estupendo descaramento os mais diversos porta-vozes da maioria belicista da opinião pública norte-americana, para tirar a desforra, em cima da nação iraquiana, da vergonhosa derrota sofrida pelos Estados Unidos no Vietnã.

Bush e seus parceiros em 1991, Clinton e os seus em 1999, utilizaram da maneira a mais consciente e sistemática o método inaugurado pelos nazistas na aldeia de Guernica durante a guerra civil espanhola: a utilização da arma aérea para triturar física ou ao menos moralmente as populações civis. Picasso, se vivesse ainda, teria muito que pintar em Bagdá, Bássora, Belgrado, etc. A tortura é hedionda, mas eficaz. O povo sérvio reagiu com coragem e dignidade às primeiras vagas de bombardeios arrasadores. Formou até muralhas humanas para impedir a destruição das pontes sobre o Danúbio. Mas novas sessões de bombardeio (de “pau-de-arara” coletivo) foram minando a resistência dos menos decididos. Mais os cadáveres e escombros se ampliavam, mais o pavor e o desespero abriam brechas na resistência dos sérvios. Desde o início dos bombardeios, os operários da fábrica Zastava (maior fabricante de automóveis e caminhões da Iugoslávia) dormiam no local de trabalho, formando um permanente “escudo humano”. Via Internet, enviaram à Otan mensagem intitulada “Esperando as bombas”. Esclareciam estar protegendo “38.000 empregos diretos e 60.000 indiretos”. Em 9 de abril, a fábrica foi desintegrada por um míssil humanitário. Mais de cem foram mortos ou gravemente feridos.¹⁹ Daí por diante, compreensivelmente, o número de voluntários para os “escudos” foi diminuindo. As garras da harpia Albright garantiam morte certa para quem se atrevesse a defender com seus próprios corpos os alvos prováveis da bestialidade imperial.

AS BOAS E AS MÁS “LIMPEZAS ÉTNICAS”

Quase quatro milhões de palestinos foram escorraçados de suas terras ancestrais pelo Estado terrorista israelense. Até hoje vivem na miséria dos campos de refugiados, sob freqüentes bombardeios punitivos. Para os bem-pensantes do Ocidente, essa “limpeza étnica”, entre as mais odiosas do último meio-século, é das boas. Claro que nem todos os órgãos mediáticos aceitam todo e qualquer crime do Estado sionista. Assim, *The Sunday Times* denunciou, em novembro de 1998, que o terrorismo de Estado israelense está preparando uma “bomba étnica”, “que afetaria os árabes, mas não os judeus”. O princípio da arma celerada seriam microorganismos que ataquem apenas portadores de determinados genes. A pesquisa baseia-se “em estudos biológicos realizados por cientistas sul-africanos durante a época do *apartheid* e revelados nos depoimentos feitos perante a Comissão da Verdade e da Reconciliação” e está sendo desenvolvida no Instituto de Biologia de Nes Tziyona, onde se concentra “o arsenal clandestino de agentes químicos e biológicos de Israel”. Complica a pesquisa a proximidade étnica de judeus e árabes. Mas já conseguiram “identificar uma característica particular no perfil genético de algumas comunidades árabes, particularmente no povo iraquiano”.²⁰

Como também o é a que sofrem os curdos na Turquia. Nada de novo, portanto, no plano da Otan, cuidadosamente ocultado, durante os bombardeios, pela propaganda bélica ocidental: tomar o Kosovo da Sérvia e, para tanto, promover outra boa “limpeza étnica”, expulsando de lá os sérvios.

A hábil manobra russa de chegar primeiro que a Otan no território finalmente abandonado pelas tropas sérvias mostrou que a inteligência e a coragem dos oficiais formados nos tempos soviéticos não estão inteiramente perdidas, mas não bastaram para deter a sangrenta e inteiramente previsível vingança dos kosovares albaneses sobre os sérvios remanescentes.²¹ Enquanto estes eram submetidos a toda sorte de vexames e violências (nem piores nem mais condenáveis do que as cometidas pelos sérvios contra os albaneses), policiais da Otan, principalmente da metrópole imperial (FBI), em vez de proteger os sérvios, já que, em princípio ao menos, a vida de um sérvio devia valer tanto quanto a de um kosovar, escarafunchavam aos milhares os locais onde haviam farejado cadáveres das vítimas do “ditador” Milosevic. Nessas frenéticas escavações em busca de provas de massacres, as forças de ocupação da Otan descobriram, principalmente, as consequências de seus próprios crimes, isto é, do ódio exacerbado pelos bombardeios. Enquanto escavavam, os kosovares albaneses retornados partiam para a desforra, desencadeando sua vingança contra a minoria sérvia, espancando, torturando, massacrando aldeias inteiras.

HIS MASTER’S VOICE : VELHOS E NOVOS CÃES DE GUARDA

Patriarca dos “*nouveaux chiens de garde*”,²² Bernard Lévy aproveitou a moda da “*nouvelle cuisine*”, que encantava a gastronomia parisiense, para lançar, em meados dos anos 70, juntamente com outro trãnsfuga da “esquerda revolucionária” parisiense, André Gluksmann, a “*nouvelle philosophie*”, na verdade uma trivial versão requentada do “pós-modernismo” reacionário.²³ Trajando peças da “*haute couture*” parisiense, penteado por cabeleireiros célebres, logo tornou-se referência indispensável da direita pró-imperialista. Nessa função, defendeu ar-

dorosamente a destruição da Iugoslávia, somando-se ao rolo compressor dirigido contra Régis Debray, que se atrevera a defender a Sérvia.²⁴ O anticomunista de choque Cohn-Bendit,²⁵ outro “verde” cor de dólar, que seguramente nunca plantou sequer um rabanete ecológico, aplaudiu entusiasmado os bombardeios, que classificou de “intervenção humanitária”, pedindo bis. Salman Rushdie, autor dos *Versos satânicos*, cuja celebridade se deve não a seu valor poético (foge a nosso tema e mais ainda a nossa competência discuti-lo), mas à cólera que provocou nas fileiras da chamada “revolução islâmica iraniana”, também aplaudiu a chuva de mísseis sobre a Sérvia. Mais: confirmando sua vocação de provocador internacional, especializado em morder e correr para baixo das pernas do dono, publicou um artigo em que trata o escritor Peter Handke, um dos intelectuais lúcidos e honrados que se atreveu a defender a Sérvia, de “cretino internacional do ano”.²⁶ Lúcidos, para o poeta Salman, são os mísseis Tomahawk.

Do fundo da lata de lixo do pensamento reacionário emergiu também o lastimável Fukuyama, que não surpreendeu ninguém ao se declarar firmemente a favor dos bombardeios, único meio, segundo ele, de civilizar os Bálcãs. (Tese, cumpre lembrar, também assumida pelo social-colonial Jospin.) Tampouco faltou à mobilização pró-bombardeio do canil ideológico da Otan o reacionário ultraliberal Vargas Llosa, que, em repetidos artigos mais tolos do que pérfidos, expôs a espantosa debilidade de seu raciocínio político. O nosso Paulo Coelho já comprovou que é possível, com idéias de salão de cabeleireiro, compor novelas de grande sucesso. Mas a nulidade analítica exibida por Vargas Llosa nos artigos que elaborou em apoio dos bombardeios é incomparável. A tese central se expressa no título de um deles: “Otan entra em ação com 10 anos de atraso.”²⁷ Será que não ouviu falar da intervenção na Bósnia? Quanto ao “fundo”, refuta tolices imputadas por ele próprio ao adversário e reitera todas as trivialidades mentirosas da propaganda imperial. Na mesma linha de indigência mental, a plumitativa estadunidense Susan Sontag explicou que “existe mal radical no mundo e é por isso que existem guerras justas”.²⁸ O tartufo Bobbio, ao menos, quando fala de “guerra justa”, dispensa a “metafísica” macarthista do “mal radical”.

Há quem pense assumir distância crítica face ao planetário intervencionismo do Pentágono observando que os Estados Unidos não devem ser a polícia do mundo. Para que a observação fosse justa seria preciso primeiro provar que não se trata de bandidos vestidos de polícia. A dúvida se justifica tanto mais que nas altas instâncias do poder imperial preconiza-se abertamente o assassinato dos chefes de Estado. O fotogênico John Kennedy animou incontáveis tentativas de matar Fidel Castro. O histrião Clinton não fica atrás. Não recuando diante de nenhuma baixeza na busca de completo exutório para o ódio que inspiram ao império os que ousam enfrentá-lo, prometeu 5 milhões de dólares para quem fornecesse informação que permitisse prender Milosevic. Idéia típica do país de Al Capone, dos “*serial killers*” e da opção preferencial de cadeira elétrica para negros e adolescentes!

Nove anos antes, a 4 de março de 1991, atingidos os objetivos bélicos imediatos do massacre eletrônico do Iraque, noticiou-se que um ilustre membro do Congresso norte-americano propôs a abolição da lei proibindo a CIA de assassinar chefes de Estado estrangeiros. Se a apologia do assassinato é um crime, que dizer de sua legalização? Mas pouco importa: com lei ou sem lei (o eufemismo oficial é “através de ações encobertas”) os buldogues da CIA matam quem for

preciso para salvaguardar a “segurança nacional” estadunidense. No fundo, não há nada que possa surpreender. Na lógica da valorização do capital, tanto faz produzir coca-cola ou bomba atômica, “big-mac” ou “Tomahawk”.

Em 1991, os bem-pensantes asseguraram que os Estados Unidos foram ao Golfo Árabe-Persa para cumprir uma resolução da ONU. Dupla mentira: a expedição colonial anglo-estadunidense que se instalou na Arábia Saudita logo após a invasão do Kuwait (condenável, a despeito de serem fundados muitos dos motivos alegados por Saddam Hussein), pretendendo agir em nome da fantasmagórica entidade intitulada “comunidade internacional”, não dispunha de mandato algum da ONU. Há 25 anos, incontáveis resoluções da ONU ordenavam que Israel evacuassem os territórios palestinos ocupados, respeitasse a integridade territorial do Líbano, ocupado ao norte pela Síria e ao sul por Israel e o estatuto internacional de Jerusalém. A resposta do Estado terrorista israelense foi continuar chacinando os palestinos (mesmo no Líbano, onde patrocinou os atrozes massacres de Sabra e de Chatila) e, através de seu serviço secreto, o sinistro Moshad, assassinando os dirigentes da resistência palestina. Nenhuma “Corte Internacional” interessou-se por essas acintosas e continuadas violações das decisões onusianas.

Na Sérvia, o império dispensou qualquer delegação ou autorização da ONU. Donde o maior empenho em criminalizar Milosevic. Quanto mais destrutivos se tornavam os bombardeios sobre a Sérvia, maior era o empenho dos agressores em imputar ao governo sérvio atrocidades que contrabalançassem as que eles próprios estavam cometendo. Para quem mantém um mínimo de compromisso com a lógica e a objetividade, impõe-se a constatação de que a destruição da Sérvia pela Otan é um fato incontestável, ao passo que os “crimes” imputados a Milosevic não foram provados. Pensar o contrário é aceitar a violação do princípio jurídico segundo o qual ninguém pode ser parte e juiz ao mesmo tempo. A Otan esmagou a Iugoslávia e os rúbulas a seu serviço processam como criminoso de guerra o presidente da Iugoslávia. O “direito” da força fantasia-se de força do direito. Sinistra comédia que prostitui a idéia mesma de uma justiça internacional! É conhecido o adágio jurídico de que a confissão é a rainha das provas. A Otan é réu confesso de bombardeios mortíferos de escolas, hospitais, embaixadas, pontes, instalações elétricas, etc. Utilizou até bombas de urânio “empobrecido” e de fragmentação (em Nis e em Korisa, aldeia do Kosovo, onde foram mortas, a 14 de maio, cerca de cem pessoas) condenadas pela ONU, em resolução de agosto de 1996, como intrinsecamente criminosas.

Entre os grandes criminosos dessa guerra está a secretária de Estado estadunidense Madeleine Albright. Sinistra personalidade, ainda mais feia por dentro do que por fora, habituada a raciocinar exclusivamente em termos de poder de fogo e consequentemente a imaginar, como todo covarde superiormente armado, que seus adversários cederão diante de uma força maior, sustentou a tese de que Milosevic se inclinaria após alguns dias de intenso bombardeio. Se não cedesse, ela tiraria a mesma conclusão que já tinha tirado relativamente ao Iraque. Em entrevista à televisão estadunidense (referida por Noam Chomsky num dos artigos em que, com sua costumeira lucidez e inquebrantável honradez, dissecou a monstruosa máquina bélica do império), ela respondeu a um jornalista que lhe perguntara o que pensava da morte de meio milhão de crianças iraquianas provocada pelo embargo asfíxiante imposto por seu governo: “Pensamos que vale a pena pagar esse preço”.²⁹ Massacrar os filhos dos outros é esporte. Se

a corte penal de Haia não fosse surda, cega e muda em relação aos crimes das grandes potências imperiais, teria indiciado essa perigosa megera.

Outro criminoso de alta periculosidade é o agente provocador australiano Richard Butler. Colocado à frente da agência de inspetores de armas da UNSCOM, o sombrio personagem, como reconheceram (tardiamente e sem daí tirar maiores conseqüências) muitos órgãos de imprensa,³⁰ usava o uniforme da ONU para espionar o Iraque e fabricava relatórios falsos para dar pretexto a novos bombardeios anglo-americanos. Claro que a verdadeira “agência” por trás da camiseta da UNSCOM é nossa muito conhecida CIA.

No registro do patético vale lembrar o comandante da Otan, general Wesley Clark, que, em estilo soturno, sintetizou seu pensamento estratégico numa peça notável de eloquência militar, repetida à saciedade pela máquina mediática: “Nós estamos ganhando. Você está perdendo, Milosevic, e sabe disso.” Frases dignas de um pistoleiro puxando briga num “saloon” de faroeste. Diga-se, a seu favor, que não é pago para pensar, mas para bombardear.

VOZES DO PÂNTANO

Buscar objetividade é sempre difícil e sempre necessário. Mas em situações catastróficas, como a criada pela Otan nos Balcãs, essa busca pode converter-se em pretexto para o filistinismo político. Bombardear escolas, hospitais, embaixadas, centrais elétricas, etc., é condenável, mas como também o são as violências cometidas pelos sérvios no Kosovo, belas almas e bem-pensantes de esquerda ou centro-esquerda encontraram a paz de espírito e o equilíbrio político manifestando seu desapeço pelas duas partes em confronto. Exemplo característico entre nós está na tomada de posição de *Em Tempo*, órgão da “tendência democrática socialista do PT”. Esclarece em editorial da primeira página: “Como contra Saddam Hussein, a intervenção aberta foi possível porque a ação do Milosevic era indefensável [...] A política de limpeza étnica de Kosovo conduzida pelos nacionalistas sérvios era criminosa e tinha de ser combatida.”³¹ O uso da expressão “limpeza étnica” vem diretamente da intoxicação mediática. Mais preocupante, entretanto, é o raciocínio do articulista. No Vietnã a “intervenção aberta” foi possível — e dantescamente real — porque os “vietcongs totalitários” estavam atacando o regime “democrático” do Vietnã do Sul. Em Granada, porque o governo era de esquerda. Etc., etc. Os pretextos variam, são mais ou menos cínicos e hipócritas, mas quanto ao fundo, como explicou o departamento da “defesa” do império, “[...] para conservar sua supremacia, os Estados Unidos devem manter forças sempre prontas a intervir, polivalentes e capazes de desenvolver vasta gama de operações e de atividades militares”. Vista do pântano ideológico, a intervenção é criticável quanto aos métodos, mas correta quanto ao fundo: a política “criminosa” da Sérvia “tinha de ser combatida”.³² E o imperialismo, como pensam combatê-lo as belas almas equidistantes dos extremismos dos dois lados? Com boas intenções, naturalmente.

A posição dos neoliberais não foi substancialmente diferente. Da direita neomalufista, com Rodolfo Konder,³³ ao centro liberal com Boris Fausto³⁴ e José Sarney,³⁵ a argumentação-padrão consistiu em prodigar indignação protocolar diante do drama dos kosovares e insultos para Milosevic.

A REFUNDAÇÃO COMUNISTA E O COMBATE ANTIIMPERIALISTA

Não foi por seus defeitos ou erros que Saddam Hussein e Milosevic tornaram-se alvos do furor destrutivo imperial e sim por terem se recusado a prestar vassalagem à “globalization”. Que Milosevic tenha fracassado na tentativa de preservar pela força a unidade da Iugoslávia é notório. Que Saddam Hussein tenha se equivocado funestamente ao achar que podia tratar o Kuwait como os Estados Unidos tratam a América Central e o Caribe, como Israel trata o Líbano e a Palestina e, em geral, como as grandes potências tratam os países militarmente mais fracos, é evidente. Mas é mentira pretender, num caso como no outro, que “todos os meios diplomáticos foram utilizados para evitar a guerra”. A farsa das “negociações” de Rambouillet foi denunciada por personalidades de alta estatutura moral e intelectual, como o norte-americano Noam Chomsky, o francês Paul-Marie de la Gorce e muitos outros. O figurino de Rambouillet já havia, entretanto, sido desenhado para o Iraque.

Vale lembrar, com efeito, que até agosto de 1990, a política colonial norte-americana no Oriente Médio tinha no Irã seu principal estorvo.³⁶ Tudo que enfraquecia o regime dos “aiatolás” era bom para os Estados Unidos. Com a esplêndida desenvoltura de quem, com dólares e bombardeios, apossou-se, diretamente ou por prepostos, de boa parte do planeta, o imperialismo estadunidense costuma apresentar seus interesses particulares como interesses do mundo, ou da “comunidade internacional”, como dizem os tartufos e sicofantas a seu serviço, e portanto como inimigos do mundo os que o contrariam ou desafiam. Em agosto de 1987, logo após os esbirros da monarquia feudal saudita terem massacrado mais de 400 peregrinos iranianos que tinham ido a Meca cumprir o ritual do *hadjii*, a revista *Time* consagrou sua “matéria de capa” ao Irã. A capa, por si só, constitui um documento precioso sobre a arrogância imperialista e a agressiva desfaçatez de seus métodos de intoxicação da opinião pública. Mostra o aiatolá Khomeini com um braço erguido e a mão com os dedos estendidos, em forma de garra, contra a cara do leitor. A legenda diz: “Iran Vs. The World”. Três anos depois, quem estava contra o “mundo” era o Iraque. Agora foi a vez da Sérvia. Há muitos outros na fila, mas talvez não precisem esperar muito. Clinton e Blair deram-se ao luxo de bombardear simultaneamente a Sérvia e o Iraque. Mantendo o zelo humanitário, poderão cuidar de mais três ou quatro “ditadores” ao mesmo tempo. Afinal, os ditadores do mundo são eles...

Convém, entretanto, reconhecer que a destruição da Sérvia não pode ser imputada exclusivamente aos estadunidenses. A Europa Unida de moeda única entrou na cena histórica com as garras sujas de sangue alheio. Do ponto de vista dos cidadãos europeus com sentido de responsabilidade histórica, há de ter sido muito inquietante rever tão perto o espectro da guerra. Mais ainda, porém, do que a intoxicação mediática, há de tê-los anestesiado a ausência de baixas do lado da Otan. Teve razão Fidel Castro ao classificar a destruição da Iugoslávia como “a guerra mais covarde de todos os tempos”. Guerra de impérios moralmente obesos, conduzida por desfibrados eunucos que combatem apertando botões e posando para as câmeras da televisão. Guerra inédita, já que sem riscos físicos para o beligerante vencedor, cujas raras perdas humanas foram devidas a acidentes provocados por sua própria torpeza.³⁷ Assim a cruel ironia que vitimou soldados das tropas inglesas de ocupação, atingidos por criminosas bombas de fragmentação

quando efetuavam vistoria *numa escola* do Kosovo. Por sorte, não mataram crianças, mas militares cujos chefes criminosos haviam ordenado aquela guerra ainda mais suja do que hipócrita.

A consequência mais geral e evidente a extrair da covarde chacina balística da Iugoslávia é que a Otan assumiu abertamente a função de braço armado da dominação mundial do capital financeiro. A “*globalization*”, que encantou os ingênuos e proporcionou tantos dividendos políticos à contra-revolução, mostra, a quem tem olhos para ver, que não passa de uma idéia enlatada cujo conteúdo é o desenfreado belicismo imperialista. Todos os que apoiaram a operação de destruição da Iugoslávia são agentes, abertos ou envergonhados, do império do dólar. Todos os que com ela se acumpliciaram (e nisso incluem-se, evidentemente, os partidos comunistas ou ditos tais que faziam parte de governos de centro-esquerda promotores da chacina balística) traíram o que eventualmente lhes restava de ideal internacionalista. A analogia com os social-traidores de 1914 impõe-se imediatamente. Como também se impõe a conclusão profilática de que com essa gente não é possível refundar nenhum movimento internacional que tenha por programa histórico a instauração da comunidade humana.

O BOMBARDEIO FOI AQUI DO LADO

Os espíritos provincianos que acham profundo o chavão da “aldeia global” deveriam concluir, com razão desta vez, que o bombardeio imperial foi aqui do lado. A Amazônia está na lista das intervenções “humanitárias” da Otan. Pulmão verde do planeta, suscita o zeloso interesse dos Verdes cor de dólar, dos trustes farmacêuticos, das multinacionais ansiosas por se apoderarem dos crescentemente escassos recursos hídricos do planeta, e muitos outros mais. O tráfico de entorpecentes (quando não praticado pela CIA ou pelo ELK), a pujante guerrilha das Farc colombianas, a “proteção” dos ianomami e outras etnias indígenas que no Brasil escaparam, contrariamente a seus primos “pele vermelha” dos Estados Unidos, da “limpeza étnica” radical, constituem alguns dos muitos pretextos que poderão fazer amanhã do Brasil um grande Iraque ou Sérvia do Cone Sul.

É verdade que na nossa frente está a Colômbia, onde a intervenção imperial deixou de ser mera hipótese. Além da “visita” a Bogotá, em agosto, de delegação chefiada pelo subsecretário de Estado para Assuntos Políticos Thomas Pickering, para discutir a deterioração da situação política e militar com o presidente Andrés Pastrana e “funcionários de segurança” colombianos (propôs quadruplicar a ajuda militar e “antidrogas” à Colômbia, elevando-a a cerca de US\$ 1 bilhão por ano), os países andinos estão sendo percorridos por um dos mais perigosos bulldozes do Pentágono, que atende pelo nome de general Barry McCaffrey. Oficialmente é o “principal funcionário do presidente Clinton” para o “combate às drogas”.³⁸ Mais do que farejando droga, entretanto, ele está sobretudo examinando o terreno para possível intervenção “humanitária”. Anunciou, com a sutileza de um míssil, que o combate aos traficantes inclui o combate à guerrilha das Farc, já que esta estaria articulada com eles. Também na mira está o presidente venezuelano Chávez, que alguns plumitivos mais afoitos já rebaixaram a ditador populista. A conclusão se impõe: a esquerda só estará à altura das contradições de nosso tempo se cumprir o primeiro de seus deveres internacionalistas, a solidariedade militante com todos os povos agredidos pelo imperialismo estadunidense, agindo por conta própria ou com o boné da Otan.

NOTAS

- 1 Ignoramos o que esse pequeno clone do Pentágono pensa do generalíssimo e insigne carniceiro Francisco Franco, que durante quase quarenta anos submeteu o povo espanhol (durante os últimos vinte com a cumplicidade da Otan) a uma furibunda ditadura reacionária. Mas é uma triste ironia lembrar que o iugoslavo Tito, cujo país Solana ajudou a arrasar, foi o organizador das célebres Brigadas Internacionais que, com mais coração do que armas, defenderam a Espanha republicana do fascismo militar, apoiado por Mussolini e Hitler. O eurocrata espanhol justificou o massacre balístico, logo que ele se iniciou, com um comentário cujo cinismo vulgar é um insulto à inteligência: “Ele [Milosevic] se nega a conter as ações violentas em Kosovo e a negociar de boa fé” (*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25 de março, 1999).
- 2 A direita terrorista croata, conduzida pelo coronel Pertchevitch e pelo advogado Ante Pavelich, preparou vários atentados contra o rei Alexandre, não porque era rei, mas porque era sérvio. Em 9 de outubro de 1934, em Marselha, quando efetuava visita oficial à França, foi assassinado pelo terrorista macedônio Tchernozemsky, manipulado pelos croatas. No atentado morreu também Barthou, ministro francês das Relações Exteriores, cuja política centrava-se no esforço para isolar diplomaticamente a Alemanha nazista. (Aproximou-se da União Soviética com esse intuito).
- 3 Esse relato resume o capítulo XIII de *Kaputt*, “Um cesto de ostras”, título que retomamos em epígrafe. As passagens entre aspas são de Malaparte.
- 4 Intervencionistas alemães acusaram os sérvios de ter colocado um “S” em suas casas no Kosovo para se distinguir dos albaneses. Imputar a outros povos os crimes cometidos por seu próprio povo é uma velha impostura que a intoxicação mediática ajudou a voltar à moda. Foram os fascistas croatas, como testemunha Malaparte, que introduziram o método alemão na Iugoslávia. Quanto ao Kosovo, os traficantes de droga do ELK, protegidos pela força de ocupação da Otan, estão mostrando, para massacrar sérvios indefesos, a “valentia” que lhes faltou na hora de enfrentar um combate frontal.
- 5 O termo italiano *partigiano*, bem como o francês *partisan*, corresponde a “guerrilheiro”, designando notadamente as formações de combate que resistiram aos nazistas e fascistas. Quando os exércitos estadunidenses conquistaram a Sicília em 1943, serviram-se da máfia para reprimir os *partigiani* comunistas.
- 6 Cf. “Les religions en Yugoslavie”, II, *Le Monde*, Paris, 20 de fevereiro, 1980.
- 7 Elez Biberaj, “Albania at the Crossroads”, EM *Problems of communism* (XI), 5, setembro-outubro de 1991, pp. 5-6. Essa muito bem cuidada publicação foi extinta logo em seguida, já que os objetivos anticomunistas a que servia foram atingidos bem mais além da expectativa do Departamento de Estado.
- 8 Sem saber que estavam contribuindo para definir a vocação revolucionária de um jovem médico argentino chamado Ernesto Guevara, que colocara seu generoso empenho a serviço das reformas sociais empreendidas pelo governo progressista logo derrubado pelos mercenários da CIA.
- 9 O próprio governo soviético, já agonizante, admitiu oficialmente (através da Rádio Moscou Internacional) que teria sido possível uma solução diplomática, combinada às sanções econômicas, aliás duríssimas, adotadas pela ONU contra o Iraque, logo depois da invasão do Kuwait. Reconheceram implicitamente, *in articulo mortis*, o erro que cometeram ao votar a favor da intervenção armada. Erro funesto, embora tardiamente atenuado pela iniciativa de paz soviética apresentada em 1º de fevereiro por Gorbachov em encontro em Moscou com Tarek Aziz.
- 10 A cadeia ABC de “informações” pertence ao imenso truste criado por Walt Disney.
- 11 Eis como *Le Monde*, num suplemento especial de 17-18 de junho de 1977, descreve o partido de Saddam Hussein: “Verdadeiro partido de massa cujas raízes penetram na sociedade iraquiana, o Baas [...] contrariamente às uniões socialistas árabes do Egito e da Líbia [...] não foi criado por uma decisão do ‘poder revolucionário’ para servir de relé institucional e de caução popular às autoridades. Fundado quando o Oriente Médio ainda estava submetido ao mandato franco-britânico, o Baas desencadeou ele mesmo o processo revolucionário [...]” Saddam Hussein começou sua militância no Baas nos anos 50, como dirigente estudantil. Uma carreira diferente da do ditador sírio Al-Assad, general chegado ao poder com o apoio de uma camarilha militar. Para a máquina de desinformação audiovisual a serviço do Pentágono, entretanto, Assad é o “presidente” da Síria e Mubarak, tão ou mais ditador que Saddam Hussein, o “presidente” do Egito. Assim, a *Folha de S. Paulo*, de 18 de julho de 1999, exatamente quando os bulldozes do Pentágono, sempre em parceria com o sócio Blair, momentaneamente aplacada sua fúria bestial contra a Iugoslávia, dirigiam-na, uma vez mais contra o Iraque, anunciou: “O ditador iraquiano, Saddam Hussein, disse ontem [...] ‘que as concessões (árabes) aos israelenses debilita (sic) a confiança das massas’. No dia 19, a propósito da posse de Pratini de Moraes (como a própria *Folha*, um veterano colaborador da ditadura) no Ministério da Agricultura, sua foto é exibida ao lado do general Médici, qualificado de “presidente” pelo informativo jornal, embora tenha sido eleito por uma cúpula de generais, e governado dando carta branca aos degenerados dos DOI-CODI. Foi-se o tempo em que a Rede Globo ocupava,

- garbosa, a linha de frente da intoxicação da opinião pública. Hoje, com honrosas mas isoladas exceções, os *yes men* neoliberais monopolizam a indústria mediática.
- 12 Como os agentes da repressão britânica na Irlanda do Norte, que torturam militantes do IRA. Sobre o caráter sistemático da tortura de palestinos em Israel, ver “ONU exige que Israel pare com tortura”, de Serge Schmemman, publicado em *The New York Times* e reproduzido em *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13 de maio, 1997.
 - 13 Primeiro-ministro israelense de então, Shamir, que como seu predecessor Begin fizera sua carreira política em organizações especializadas nas mais sórdidas formas de terrorismo, como o grupo Stern, responsável pela chacina da aldeia palestina de Deir Yacine, em 1947, e pelo assassinato do enviado da ONU à Palestina, o conde sueco Folke Bernardotte, em 1948. (Ben Gurion, o fundador do Estado de Israel, nutria profundo desprezo pelos terroristas do grupo Stern e seus consortes do grupo Yrgun.)
 - 14 O jornalista escreve para *El País*. Citamos a tradução em *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 24 de dezembro, 1998, sob o título garrafal “Saddam monta esquema anti-rebelião”.
 - 15 Nº 542, maio de 1999.
 - 16 De Gerald Ford foi dito que tinha imensa dificuldade para mascar chiclete e pensar ao mesmo tempo. A tragédia é que os donos do império conseguem lançar mísseis sem pensar.
 - 17 A insistência dos críticos liberais da Revolução Francesa em atribuir à “revolução americana” a iniciativa histórica da Declaração dos Direitos do Homem passa por cima de uma não pequena diferença entre a concepção de direitos humanos dos chamados “Pais fundadores” dos Estados Unidos e a dos revolucionários jacobinos: aqueles mantiveram os negros na escravidão; estes aboliram-na imediatamente. Ela foi entretanto restabelecida nas colônias francesas após a queda de Robespierre.
 - 18 O mesmo argumento havia sido utilizado entre nós, durante o massacre balístico do Iraque. Desapontado porque o Brasil não se alinhou então automaticamente com o Pentágono e a Casa Branca, o editorialista de *O Estado de S. Paulo* advertiu que “as autoridades de Washington” estão muito aborrecidas com Cuba, Bolívia e Brasil, países que menos se solidarizaram com a ação da coligação ocidental em cumprimento às determinações da ONU”. Tanto assim, que Richard Melton (o embaixador do império) já avisou: “as vozes construtivas que serão ouvidas depois da guerra não serão as daqueles países que não se envolveram agora”. O castigo virá a cavalo, perorou o editorialista: em Washington noticia-se que “o final do conflito no Golfo assinalará um agravamento das relações” entre os Estados Unidos e o Brasil (*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6-2-1991). Considerações análogas foram expressas no noticiário da TVS pelo reacionário de choque Bóris Casoy. Na prática e sem eufemismos, os citados porta-vozes dos dois poderosos órgãos privados de comunicação social queriam que Collor seguisse o exemplo grotesco de Menem, que em seu extremismo bajulatório, beijando as mãos que haviam espancado seu país, mandou para o Golfo duas velhas barcaças que escaparam de ser afundadas pelos ingleses durante a Guerra das Malvinas. Oito anos depois, sempre movido pelo desejo de ser o primeiro bobo da corte imperial, preconizou a adoção do dólar como moeda oficial de seu país e solicitou ingresso da Argentina na Otan, oferecendo ajuda para massacrar os sérvios. A abjeção é decididamente um poço sem fundo.
 - 19 *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 10-4-1999.
 - 20 *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16-11-1998.
 - 21 “Rússia reacende guerra fria”, bradou em letras garrafais o combativo *O Estado de Minas*, Belo Horizonte, 12 de junho, 1999, noticiando em subtítulo que “Boris Ieltsin manda tropa para o Kosovo antes que a OTAN defina a formação da força de paz”. Não é fantástica a divisão internacional de responsabilidades vista pelo energúmeno plúmbeo das alterosas? O império estadunidense destrói a Sérvia, mas a culpa é dos russos... Serge Halimi, em *Os novos cães de guarda* (Petrópolis: Vozes, 1988), mostrou que a inversão grotesca da “notícia” também prospera na França. A rádio *Europe 1* “informou”, em 11 de setembro de 1996, após um dos rotineiros bombardeios estadunidenses do Iraque: “Saddam Hussein continua a zombar dos americanos. Um míssil iraquiano foi lançado contra um avião de caça americano.” No dia seguinte, o jornal *Le Figaro* reforçou: “Saddam Hussein desafia os Estados Unidos.” O autor comenta: se algum jornal tivesse escrito “O Iraque tentou derrubar um avião de Bill Clinton que procurava bombardear seu território”, teria sido considerado tendencioso (*Ibid.*, p.65). O livro de Halimi traça um retrato implacável da manipulação da informação pelos intelectuais neoliberais da indústria mediática francesa.
 - 22 *Os cães de guarda* é o título de um vibrante panfleto de denúncia da colaboração de grandes e pequenos pensadores com o poder do capital, escrito nos anos 1930 pelo jovem e brilhante intelectual comunista francês Paul Nizan, morto na Segunda Guerra Mundial. Sobre a campanha de intoxicação durante a “guerra do Golfo” (ver Halimi, *op. cit.*, pp. 33-36). Ele lembra pertinentemente que durante a “guerra do Golfo”, quando os bombardeios “aliados” “destruíam a antiga Mesopotâmia”, o erudito Charles Villeneuve já havia explicado que se tratava “da guerra do mundo civilizado contra os árabes”.
 - 23 Com sinceridade talvez inconsciente, a *Folha de S. Paulo* costumava incluir o caderno “Mundo” no cader-

- no “Dinheiro”, em epígrafe do qual liamos um dístico que expressa o mais profundo da “folhosofia”: “Dinheiro inclui Mundo”. Com mais sinceridade diriam “Dinheiro inclui Pensamento sobre o Mundo” ou “Dinheiro inclui vassalagem aos donos do Mundo”. A “*nouvelle philosophie*” de B. Lévy não é mais profunda nem tem rabo menos preso ao dinheiro que a “folhosofia”.
- 24 Halimi, *op. cit.*, pp. 118 e ss., descreve os métodos mediáticos de B. H. Lévy e amigos.
- 25 Em 1968, posando de revolucionário, insultou um dos mais notáveis escritores franceses do século XX, Louis Aragon: “até os traidores podem falar”. Traição é especialidade de gigolôs da revolução como ele. Restabeleçamos a verdade: Aragon foi um comunista indispensável, no sentido em que Brecht definiu os indispensáveis (os que lutam a vida inteira) e um grande poeta; Cohn-Bendit é apenas um pequeno aventureiro arrivista.
- 26 Handke, em nota curta, digna e incisiva, publicada em *Le Monde*, 11-5-1999, enumerou secamente as mentiras do poeta do satanismo pós-moderno. No mesmo dia, o jornal francês publicou também um corajoso artigo de Alain Badiou, outro que não se intimidou diante do rolo compressor pró-Otan.
- 27 Em *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 de abril, 1999.
- 28 Em *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 2 de maio, 1999.
- 29 Noam Chomsky, “L’Otan, maître du monde”, em *Le Monde Diplomatique* 46 (542), Paris, maio, 1999, pp.4-5.
- 30 Cf. por exemplo “Espionagem dos EUA dominou a UNSCOM”, em *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9-1-1999.
- 31 *Em Tempo*, nº 307, julho, 1999.
- 32 A mesma posição foi defendida pelo jornalista Luiz Weis, em artigo expressivamente intitulado “Antes o erro que o horror” (*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24-4-1999). Note-se que o “erro” não foram os bombardeios em si mesmos, para o jornalista “um ato moralmente legítimo”, e sim a “resolução [...] alardeada aos quatro ventos, de excluir *a priori* o uso de forças terrestres na região”. Não compreendeu que a estratégia imperial é intrinsecamente covarde: massacrar com mísseis, sem perdas humanas. Moralmente, essa posição é igual à dos Bobbio, Sontag e consortes, que falam em “guerra justa”. De resto, não é necessário ser um profundo dialético para compreender que não se podem separar os meios dos fins. Não há meio em si nem fim em si. Os jesuítas diriam que os fins santificam os meios. Os antiimperialistas, na contramão, que a via dos mísseis conspurca qualquer fim pretensamente humanitário.
- 33 Esse renegado radical é capaz de todas as acrobacias do imoralismo político: deixou o cargo de presidente da Amnesty International do Brasil para carregar a pasta de Paulo Maluf, um dos financiadores da “caixinha da Oban”. Tem, portanto, o perfil adequado para apoiar a causa dos mísseis humanitários.
- 34 Publicou coluna particularmente raivosa na *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 12 de abril, 1999: o governo sérvio é “composto de um bando de racistas” e levou “ao extremo a operação de limpeza étnica em Kosovo, projeto sinistro que vai além daquela região”. Não fica claro o sentido dessa insinuação. Muito mais sinistro é imputar ao inimigo projetos criminosos sem sequer se dar ao trabalho de dizer quais são.
- 35 Esse consagra metade do artigo “Os foguetes em Bagdá” (*Folha de S. Paulo*, São Paulo, 18-12-1998) à apologia do império estadunidense. O velho serviçal da ditadura, que trocou seu sobrenome verdadeiro (Ribamar) pela forma arremedada de “sir” Ney (= Sarney), e fez de tudo para confiscar aos cidadãos brasileiros o direito de votar nas eleições presidenciais de 1984, acha que “Saddam é execrável. Tirano sem entranhas. Massacrrou o povo curdo e é uma ameaça ao próprio Iraque”. A única observação razoável de seu artigo concerne a Blair: “[...] parece menos um líder e mais um político esperto que pensa enganar a todos: à (*sic*) direita, imitando-a, à (*sic*) esquerda, incensando-a com fogos de artifício”. Faltou apenas assinalar que, não logrando enganar iraquianos e sérvios, o chefe do governo inglês incinera-os com mísseis.
- 36 O ódio do povo iraniano pelo império estadunidense tem fundadas razões. Desde a derrubada do governo progressista de Mossadegh pela CIA, em 1953, até a revolução islâmica de 1979, que pôs fim ao regime corrupto e policial-terrorista do Xá Pahlevi, o Irã constituiu a principal base do Pentágono e dos trustes norte-americanos no Oriente Médio.
- 37 Massacrar os outros sem sofrer nenhuma baixa. O preceito estratégico, viabilizado por incontrastável superioridade na tecnologia dos meios de destruição, levou ao desenvolvimento acelerado das táticas para resgatar pilotos derrubados em céus inimigos. O *Discovery Channel*, em geral consagrado a inofensivas reportagens arqueológicas ou zoológicas, deu sua contribuição ao esforço massacrador imperial, apresentando na madrugada de 7 para 8 de julho programa consagrado àquele tema de extrema atualidade. As operações de resgate, explica, são cada vez mais necessárias, já que aumentam as missões em céus inimigos. O locutor usa indiscriminadamente os termos “aliados” e “norte-americanos”. Os outros são os “inimigos”, ou como explicou a ideóloga imperial Susan Sontag, “o mal radical”. Essas operações são coordenadas por um Centro de Comando de Resgates, que prevê muito trabalho pela frente.
- 38 Sempre é oportuno insistir em que tal combate deveria ser travado dentro dos Estados Unidos, já que, como explica a doutrina econômica liberal, a demanda cria a oferta: a Colômbia não seria um grande exportador de cocaína se a sociedade estadunidense não fosse grande importadora.

A dinâmica imperial e a destruição da Iugoslávia

Marcos Del Roio*

Nós não poderíamos esquecer que nossa fraternidade e unidade estão sendo minadas de dentro [...] eu penso que isso tende ainda a se reforçar. Claro que tais ações não têm vindo dos trabalhadores [...] Têm vindo daqueles que querem enfraquecer nossa comunidade, para bloquear ou quebrar nosso desenvolvimento socialista autogestionário. Tudo que eles querem é provocar descontentamento nos kosovo-albaneses e levar a discórdia entre sua população multiétnica [...] O inimigo é bem conhecido de nosso povo. Eles condenarão todos esses esforços, como sempre fizeram no passado. É importante manter consistentemente a política de nossa Liga Comunista [...] A solução para as questões nacionais e o provimento da plena igualdade entre as nações e nacionalidades nas nossas condições é unicamente possível no sistema de autogestão. A autogestão é a única garantia de igualdade.

Tito,

Prístina, capital da província iugoslava do Kosovo

16-10-1979

I

É de esperar que qualquer analista mais afeito à realidade dos fatos do que preenhe da ânsia de servir aos interesses dos senhores do mundo não leve minimamente a sério o discurso do *império universal do Ocidente liberal*, que busca incessantemente a criação impossível de um mundo homogêneo sob o incontestado domínio do capital e das normas do mercado. Não é possível que se creia sustentável o discurso de defesa da “democracia”, dos “direitos humanos” e da “ajuda humanitária”, com a utilização de incontáveis toneladas de bombas, como meios que vitimam todos os povos e o ambiente. A própria racionalidade que deu origem ao Ocidente, definida pelo seu poder de imposição, encontra seus limites na devastação ambiental e humana que gera, em busca da realização a qualquer preço da utopia liberal e da consolidação do capital como sujeito único da história.

A fugaz esperança de tantos liberais e social-democratas cheios de fé e das melhores intenções, de que após o fim da “Guerra Fria” e do colapso do socialismo de Estado estivesse se iniciando uma época de difusão da democracia e de criação de novas condições para a paz, tornou-se um pesadelo, na melhor das hipóteses, ou então uma inebriada cumplicidade. A raiz do equívoco, ou da subserviência (de acordo com os casos), encontra-se na dificuldade de compreender que a ofensiva que levou a mundialização do capital a um novo patamar sob a condução do setor financeiro promoveu uma consciente e articulada desestabilização política, não só do sistema socialista de Estado, como das próprias institui-

*Professor de Ciência Política da FFC-Unesp. Presidente do Instituto Astrojildo Pereira.

ções representativas e assistenciais das liberal-democracias do núcleo original do Ocidente, sempre com o intuito de derrubar as barreiras institucionais interpostas ao domínio global do capital, avesso à existência de direitos sociais.

No momento em que se completa o secular projeto de dominação universal do Ocidente, tendo o capital como sujeito mundializado e o liberalismo como única concepção racionalmente aceitável, a dinâmica da acumulação ocorre nuclearmente na especulação financeira, no tráfico de armas, no tráfico de drogas, no tráfico de detritos poluentes e na prostituição massiva. A virtual destruição das forças socialistas do movimento operário e a degradação crescente do mundo do trabalho é condição e componente do império universal do Ocidente liberal. E nenhum desses elementos, como se verá, encontra-se ausente do cenário de agressão aos povos balcânicos.

O marco inicial, carregado de significado simbólico, do processo de desestabilização política dos Estados que compunham o sistema socialista (ainda que subsumidos também eles à lógica do capital), foi a “queda do muro de Berlim” (novembro de 1989) e que culminou com a dissolução formal da URSS (dezembro de 1991). O desdobramento imediato foi o ressurgimento do histórico projeto imperial alemão concebido a partir de um espaço vital projetado para o Oriente. Num processo encadeado, um a um dos regimes controlados por burocracias socialistas sem legitimidade e carentes de perspectiva histórica foram ruindo, diante da pressão induzida pelo Ocidente, por meio da mobilização de forças sociais interessadas em se acoplar sem restrições ao mercado global, tendo-se tratado de uma universal revolução/restauração de caráter liberal.

Na Polônia e na Hungria a desagregação do regime e a reconversão liberal ou social-democrata de largos setores da burocracia foram bastante aceleradas (a partir de 1989), justamente por serem países nos quais o socialismo estatal e a aliança com a URSS jamais gozaram de apoio muito significativo. Na Romênia, eliminada a ditadura familiar dos Ceausescu, a estrutura de poder vigente mudou a fachada e conseguiu se preservar e conduzir a conversão liberal, enquanto a Bulgária assistiu a uma cisão na burocracia estatal, entre os mais e os menos liberais. A Albânia, após a morte de Enver Hoxha (1985), restabeleceu relações de comércio com a Iugoslávia e com a Itália, mas as greves e manifestações populares que tiveram início em 1990 levam à fratura a burocracia estatal e à queda do regime, antes do fim do ano seguinte. A crise de poder na Checoslováquia teve os comunistas como atores importantes por um fugaz momento, mas sua rápida derrota fez com que prevalecesse a tendência de levar o país à divisão em dois pedaços (com a Chequia sendo atraída para o centro do espaço alemão e a Eslováquia deixada ao abandono, embora tenha tomado a iniciativa da separação).

O território do antigo *império socialista do Oriente*, conduzido pela URSS, com todas as mazelas da dominação burocrática e do socialismo de Estado, mas ainda assim com direitos sociais e desenvolvimento científico e industrial digno de nota, foi reduzido a uma vasta zona colonial sob domínio de grupos criminosos regidos por um liberalismo sem direito, onde foram resgatadas as bárbaras formas de acumulação primitiva do capital. Ainda mais, com a desintegração política e militar da URSS foi dado o sinal para que a Otan, organização militar controlada pelos EUA, avançasse sua pretensão de tornar-se a força policial do mundo. Sua primeira demonstração foi a devastação do Iraque e a ocupação militar do Kuwait e da Arábia Saudita, na seqüência da chamada “guerra do Golfo”.

Dentro do renascido projeto alemão de colonização e espoliação do Leste a destruição da Iugoslávia é um ponto dos mais importantes. Utilizando as armas da guerra econômica, da chantagem e da sedução, a Alemanha pressionou para a desintegração da Iugoslávia, como melhor forma de desestabilização política. Os frutos não demoraram a aparecer, com o desprendimento quase que simultâneo da Eslovênia e da Croácia diante da Federação Iugoslava, em junho de 1991. O rápido sucesso da pressão alemã (e ocidental, mais em geral) não pode, no entanto, ser entendido sem que se tenham em conta as graves contradições internas do país dos eslavos do Sul.

II

Nos desdobramentos da revolução burguesa e no enfraquecimento do império turco, nos anos 20 do século XIX, ganhou viabilidade a luta pela constituição de um Estado grego, que contou com a simpatia e apoio de todo o Ocidente. Nessa seqüência teve também origem a luta pela formação de um reino sérvio, inexistente desde o século XIV. A Grécia conseguiu sua independência em 1829, mas o Reino da Sérvia só foi reconhecido inteiramente após a vitória militar russa contra os turcos em 1878. A Sérvia passava a ser uma importante referência para a Rússia na sua busca de uma saída para o mar Mediterrâneo.

A crise terminal do império turco, no início do século XX, permitiu o fortalecimento e ampliação da Sérvia em duas guerras sucessivas: uma que uniu vitoriosamente Sérvia, Grécia e Bulgária contra a Turquia (1912) e outra que manteve Sérvia e Grécia unidas contra Bulgária e Turquia (1913). Um dos efeitos dessas guerras foi a subtração da Albânia ao domínio turco e sua conformação como Estado. A região de Kosovo, parcialmente habitada por tribos albanesas, foi incorporada ao Reino da Sérvia, que resgatava assim o território original do reino medieval.

A Sérvia sentiu-se então suficientemente forte para reivindicar a soberania, não só sobre todos os sérvios que viviam sob dominação da Áustria-Hungria, o outro grande império opressor, mas sobre todos os eslavos do Sul. Como se sabe, a guerra austro-sérvia de 1914 desencadeou um conflito generalizado na Europa, envolvendo aliados de ambos os lados. O conflito concluiu-se com a derrota e desagregação do império austro-húngaro e a consecução dos objetivos sérvios, formando-se então o chamado reino dos sérvios, croatas e eslovenos.

A preponderância dos sérvios desde logo instigou a oposição dos novos parceiros, fazendo da crise política um aspecto permanente do novo Estado monárquico. A instauração de uma ditadura aberta, inspirada no fascismo, por parte do rei Alexandre, em 1928, não sanou a situação desse país que agora passava a se chamar Iugoslávia. A Albânia, por sua vez, mergulhada em profundo atraso econômico e civil, jamais conseguiu emergir da situação de protetorado mais ou menos declarado da Itália, até que em abril de 1939 ocorreu a incorporação formal ao "império fascista".

A recusa da Iugoslávia em aceitar a imposição de aderir ao império germânico fez com que, em 1941, fosse vítima da agressão nazi-fascista, tendo se desintegrado sob um poder de fogo avassalador desencadeado pelos componentes do pacto tripartido de Alemanha, Itália e Bulgária. A Eslovênia foi dividida entre Alemanha e Itália, tendo a Croácia se formado como protetorado, passando a

organização católico-fascista croata *Ustacha* a dedicar-se ao extermínio de sérvios. Enquanto os búlgaros apossavam-se da Macedônia, os kosovares, também aliados aos nazistas, procuravam expulsar sérvios e ciganos, apropriando-se de seus bens e provocando um desequilíbrio demográfico que permanece até hoje, pois a revolução socialista vitoriosa em 1945 impediu a vingança e o retorno dos sérvios a Kosovo.

Diante da repressão impiedosa e da exploração econômica sistemática, a resistência à ocupação imperialista teve início imediato. Um agrupamento monarquista remanescente guiado pelo oficial Mikhailovich combateu a ocupação a partir da Sérvia, enquanto a guerrilha comunista dirigida por Tito lutava nas montanhas do Montenegro e da Bósnia. A aliança operário-camponesa que foi se forjando em torno dos comunistas isolou e neutralizou a influência monárquica respaldada pela Inglaterra, em favor de uma revolução socialista em progressão sobre a retirada dos exércitos de ocupação. O empuxe do exército *partisan* iugoslavo foi tão grande que, ao fim da guerra, foi possível a conexão, não só com a guerrilha revolucionária no resto da península balcânica, mas também com a guerrilha antifascista do norte da Itália, num processo de forte internacionalização da revolução, bloqueado pelo avanço das forças anglo-americanas na Grécia e na Itália.

Vitoriosa a revolução socialista, o projeto de Tito, inspirado talvez na formulação dos “austromarxistas” de Otto Bauer, era fazer da Iugoslávia uma federação de povos autônomos. A Iugoslávia constituiu-se então numa federação de repúblicas composta pela Eslovênia, Croácia, Bósnia-Herzegovina, Sérvia, Montenegro e Macedônia. Por um breve momento aventou-se a hipótese, tornada inviável pela morte precoce do líder búlgaro Dimitrov e pela interferência negativa da URSS — a quem não interessava a consolidação de uma federação balcânica —, de Albânia e Bulgária serem também envolvidas. À pressão do Ocidente liberal, cujo império agora passa a ser conduzido inapelavelmente pelos EUA, corresponde uma ação da URSS procurando criar um espaço imperial oriental politicamente homogêneo, submetendo assim as promissoras experiências de democracia popular que vinham se forjando na Europa oriental na esteira da derrota do nazi-fascismo.

A ruptura da Iugoslávia com a URSS e com muitos partidos comunistas colocava-a numa posição mais à esquerda, uma vez que defendia a possibilidade de uma retomada da revolução socialista internacional. Com a redefinição das fronteiras entre os dois blocos político-militares e a recolocação do conflito Ocidente/Oriente, a Iugoslávia, para sobreviver, promoveu uma guinada estratégica que a deslocou para a direita do movimento comunista de então. A cisão com a URSS e a necessidade de sobreviver em mar revolto fez com que a Iugoslávia amadurecesse um projeto sócio-econômico ambíguo que acabou criando condições para o agravamento dos conflitos entre os povos constitutivos do Estado.

A idéia da autogestão das empresas públicas sem dúvida estimulou a participação ativa dos trabalhadores na vida econômica do país, mas a introdução de mecanismos de mercado abriu brechas significativas que possibilitaram uma desigual distribuição da riqueza social, não só entre camadas sociais mas também entre regiões. A presença de um Estado com um significativo aparato coercitivo, em condições de enfrentar uma situação internacional muito adversa, conseguiu manter sob controle essas contradições latentes que apontavam para a imposição da lógica do capital e para o reforçamento do egoísmo entre povos e regiões. As

contradições de origem do Estado iugoslavo, e que de certa forma opunham no seu interior Ocidente (Eslovênia e Croácia) a Oriente (o resto do país, nucleado na Sérvia), sofriam ainda a sobreposição do conflito mundial Ocidente/Oriente, ao qual, para buscar imunidade, a Iugoslávia procurava uma inserção internacional que a aproximasse de países como a Índia e o Egito, com os quais fundou o Movimento dos Não-Alinhados, não tendo a relativa reaproximação com a URSS, após 1956, mudado muito a situação.

Essas contradições começaram a amadurecer no decorrer da década de 70, agravando-se progressivamente a partir de então, até o atual desenlace. A ampliação da autonomia das repúblicas e das províncias autônomas de Vojvodina e de Kosovo, além da criação de uma presidência rotativa, não conseguiu arrefecer os crescentes interesses particularistas, marcadamente dos croatas. A morte de Tito (1980) deu livre vazão aos conflitos sociais e inter-regionais opondo as regiões mais ricas e ocidentalizadas da Eslovênia e Croácia às regiões sul-orientais mais povoadas e atrasadas. E nessas últimas começou a ganhar lento destaque a província de Kosovo, a região mais pobre de toda a Iugoslávia e que começava a viver uma explosão demográfica, precisamente onde ocorreram os primeiros conflitos de monta em 1981, reivindicando autonomia administrativa e maiores investimentos.

A política que visava contornar a crise por meio da ampliação da autonomia das repúblicas da federação iugoslava, associada a uma redobrada repressão ao separatismo (particularmente o croata) e a adoção de medidas econômicas que penalizavam os trabalhadores, fracassou e sofreu uma inversão. A resistência operária promoveu cerca de duas mil greves apenas no ano de 1988 e foi seguida por novos distúrbios no Kosovo contra as restrições à sua autonomia. Duas tendências opostas então se confrontaram, ambas em prejuízo dos interesses emancipatórios dos trabalhadores: uma que tendia a transformar a Iugoslávia numa confederação, em benefício das regiões eslovenas e croatas, mais ricas, e outra, de concentração do poder burocrático e militar nas mãos dos sérvios. Apesar de algumas duras medidas econômicas, a Iugoslávia recusou-se à entrega massiva do patrimônio público ao capital mundializado, segundo o receituário do FMI e do Banco Mundial, somando argumentos para a sua destruição.

III

Essa insanável contradição do Estado federal iugoslavo acoplou-se aos renovados interesses imperiais da Alemanha, que passou a pressionar pela desintegração do país balcânico, buscando atrair para sua esfera econômica e monetária a Eslovênia e a Croácia, as quais optaram pela servidão voluntária. Assim, em junho de 1991, a secessão dessas repúblicas se completou, dando-se início à guerra civil servo-croata. A Macedônia, aproveitando-se da situação, completou sua separação da federação em setembro do mesmo ano. Em fevereiro de 1992 foi proclamada a soberania da Bósnia-Herzegovina, iniciativa de uma circunstancial aliança de croatas e muçulmanos, instigada pelo Ocidente e pela indústria bélica americana, interessada em fazer desse território um laboratório de testes de novas armas, sob os aplausos e salvos de tiros dos traficantes internacionais da morte. Com a difusão da guerra para a Bósnia-Herzegovina, aos interesses imperiais germânicos vieram juntar-se com mais força os interesses americanos, complementares e conflituosos a um só tempo.

Foi então formada uma nova República Federal da Iugoslávia, restrita à Sérvia e a Montenegro, mas aberta a adesões. As significativas minorias sérvias presentes na Croácia e principalmente na Bósnia-Herzegovina se rebelaram contra a desintegração do país e contra a interferência do Ocidente. Com apoio do exército federal, os insurgentes sérvios na Croácia e na Bósnia levaram uma inicial vantagem, ocupando a maior parte do território em disputa. Na medida em que o conflito com a Croácia arrefecia, ganhava fúria a guerra na Bósnia e a Iugoslávia passou a sofrer a guerra econômica do Ocidente (corte de relações comerciais, embargo de petróleo, bloqueio naval), legitimada por uma ONU títere dos interesses dos EUA. Ao mesmo tempo os sérvios eram expulsos aos milhares da Croácia e da Eslovênia.

Apoiada militarmente pelo conjunto do Ocidente, a aliança croata-muçulmana da Bósnia-Herzegovina consegue recuperar algum terreno, até que em maio de 1995 ocorre a decisiva intervenção direta da força aérea da Otan, dando cobertura ao avanço croata. A guerra na Bósnia conclui-se com um acordo inteiramente lesivo aos sérvios, imposto pelos EUA após quatro anos de conflitos, com 250 mil mortos e cerca de 2 milhões de deslocados. Os sérvios da Bósnia foram mesmo excluídos das negociações e tiveram que ser representados pela direção da remanescente Iugoslávia, até para que essa fosse humilhada e reconhecesse a perda de mais uma parte de seu território original.

Estando a Iugoslávia sufocada pelo embargo econômico, com o desemprego massivo penalizando a organização dos trabalhadores e os recursos sendo concentrados na defesa da soberania, os interesses inerentes à dinâmica do *imperium mundi* trataram de estimular os conflitos e aguardar a oportunidade para a ocupação de novas parcelas do território balcânico. O elo frágil mais evidente do que restava da Iugoslávia passava a ser a província de Kosovo, território que corresponde ao berço histórico da Sérvia e habitada por uma maioria albano-kosovar de mais de 2/3 em meio a sérvios e ciganos. O separatismo kosovar foi contido em 1993, quando da vitória eleitoral dessa tendência, mas ganhou um novo impulso na medida em que se agravava a crise social e o derretimento do vizinho Estado albanês.

A queda do regime socialista agrário, vigente desde a vitória da resistência antifascista, implicou o desmantelamento de uma já frágil economia e o desencadeamento de uma crise social que comprometeu gravemente as ligações sociais e as instituições estatais. Uma acelerada e inconclusa alternância de governos gerados por seguidas eleições alçou e apeou seguidamente os dois partidos surgidos da fratura da antiga direção política: “socialistas” e “democráticos”. Na verdade, essa situação não passou de uma cena para deslocar a atenção do retorno da Albânia à situação de protetorado italiano. Com suas “ajudas” econômico-financeiras e militares, a Itália passou a enviar recursos para grupos criminosos, assim como a possibilitar a transferência de setores produtivos italianos em busca de força de trabalho degradada. Um terreno fértil para organismos criminosos investirem no tráfico de drogas, na prostituição e, logo, no tráfico de armas.

A monumental falcatura financeira que espoliou os poucos recursos monetários de larga faixa da população detonou uma insurreição popular (fevereiro de 1997), que pôs abaixo aquilo que restava do Estado albanês. O assalto aos quartéis e a formação de comitês populares em armas poderiam ter gerado uma situação revolucionária, caso os tempos e as circunstâncias internacionais fossem outros

e houvesse uma direção política dotada de programa e capacidade de ação. Mas o que de fato ocorreu foi uma virtual feudalização, com o tráfico se apossando de partes do país e de armas tomadas ao exército. Estava dado o motivo para que forças do exército italiano (e da Otan, portanto) fossem enviadas para a Albânia para promover o desarmamento e restabelecer a “democracia”.

Sem o virtual colapso do Estado albanês todo o potencial conflitivo a ser manipulado pela política imperial na província iugoslava do Kosovo não poderia ser utilizado dada a dificuldade em se atingir essa região por terra através do litoral iugoslavo (Montenegro) ou do caldeirão fervente que é a Macedônia, que ademais exigiria a adesão da arredia Grécia (tantas vezes aliada da Sérvia na luta contra inimigos comuns). Com a Albânia novamente transformada em protetorado italiano e em cabeça de ponte para as tropas da Otan o caminho ficou aberto. Antes de mais nada, tratou-se de forjar um “Exército de Libertação de Kosovo”, fazendo uso de armas arrancadas do exército albanês e caídas em mãos de traficantes. Os interesses desse “ELK” são o de criar uma zona segura para a passagem do tráfico de heroína do Oriente em direção ao Ocidente (particularmente a Itália). As ações terroristas desse agrupamento foram crescendo no decorrer de 1998, chegando a dividir a liderança política kosovar, em sua maioria favorável à autonomia dentro do Estado soberano iugoslavo. Seus armamentos foram se sofisticando devido à facilidade em se adquirir armas fornecidas diretamente pelas instâncias político-militares imperiais.

A reação da Iugoslávia, ao enfrentar essa renovada ameaça a sua soberania, não poderia ser outra senão a repressão aos terroristas da “ELK”, mesmo sob o risco de oferecer argumentos para a intervenção externa. As operações policiais tão corriqueiras em Estados subalternos e muito diferentes do *imperium mundi*, como a Turquia, Israel, México, Colômbia ou Brasil, acabaram sendo identificadas na Iugoslávia pelo rótulo de “limpeza étnica”, perpetradas, não se sabe bem por que, pela inexplicável “monstruosidade” dos dirigentes sérvios. Uma campanha promovida em todos os meios de manipulação de massas teve por objetivo acentuar a demonização dos sérvios e a erigir o “ELK” em sujeito político representativo de uma “nacionalidade oprimida”, cujos “direitos humanos” precisavam ser defendidos pela “comunidade internacional”.

A redobrada pressão político-militar e econômica dos países da Otan contra a Iugoslávia levaram-na à mesa de negociações de Rambouillet (pequena cidade nas proximidades de Paris), como último esforço para contornar a ameaça de agressão. As exigências dos EUA e da Otan fizeram lembrar as da Áustria-Hungria em 1914 e as da Alemanha nazista em 1941: as condições a serem negociadas não eram menos que a capitulação e a ocupação de parte do território iugoslavo! O exército iugoslavo deveria retirar-se da província de Kosovo, sendo substituído de imediato por tropas da Otan que, em prazo não delimitado, negociariam o *status* do “ELK”. As despesas da ocupação deveriam correr por conta da Iugoslávia, enquanto a Otan cuidaria da administração civil e prepararia a definitiva secessão do Kosovo. Eram condições nítida e propositadamente inaceitáveis, de forma a possibilitar o ataque massivo contra a Iugoslávia e concluir o trabalho de destruição e ocupação desse país soberano!

O passo seguinte à esperada recusa da Iugoslávia foi completar a ocupação da Albânia e da Macedônia por parte das tropas da Otan, comandadas pelos EUA, até que no dia 24 de março teve início a projetada agressão por meio de um

bombardeio massivo. Violado todo o direito internacional, carecendo de um mandato da ONU (como já ocorrera no Iraque), e desrespeitando seu próprio estatuto que só admite agir em legítima defesa, a Otan fez com que, pela terceira vez neste século XX, a Sérvia/Iugoslávia fosse vitimada pela agressão imperialista. Mas chamar de guerra um ignóbil e covarde ataque, como o atual, seria mudar o sentido das palavras, pois nesse caso as forças combatentes da Iugoslávia quase nada puderam fazer contra aviões voando a uma altura inatingível e contra mísseis teleguiados, embora também tenham sofrido baixas bastante reduzidas em 80 dias de bombardeio. As principais vítimas contam-se entre a população civil iugoslava, sérvia, kosovar ou outra das 27 etnias que habitam a pequena Iugoslávia.

IV

Durante os mais de quatro séculos nos quais a península balcânica ficou dividida entre os impérios austro-habsburgo e turco-otomano a enorme mistura de povos só fez se acentuar, já que nenhum desses organismos estatais tinha como fundamento o princípio da nacionalidade, essa invenção do Ocidente liberal. Quando esses impérios entraram em colapso definitivo o que veio a prevalecer foi a concepção germânica de *Volk* (comunidade/povo) na qual não há nitidez entre o público e o privado, como na visão liberal burguesa de cidadania. Se por um lado essa perspectiva auxiliou a construção de Estados democrático-populares, por outro, quando fracassaram as experiências de socialismo de Estado, a fragmentação e o conflito generalizado entre as dezenas de povos que conviviam na região se viram potencializados, o que fez vir à tona o entrechoque de variados interesses.

Nos acontecimentos que resultaram no bombardeio da Iugoslávia encontram-se envolvidos interesses do tráfico internacional de drogas e de armas, inseridos na crise política da província de Kosovo e da Albânia. Interesses pequenos e localizados inseridos num quadro de degradação social, poder-se-ia argumentar. Mas a análise se inverte se observarmos a enorme importância que o tráfico de drogas tem hoje no movimento do capital financeiro e para as instituições bancárias. A observação ganha maior nitidez se considerarmos a queda relativa dos investimentos na indústria bélica e na venda de armamentos no decorrer dos anos 90, mostrando a necessidade de ser forjados “inimigos” a fim de que se movimentem os negócios e se aumente o orçamento militar, particularmente o americano. Devem ainda ser lembrados dois outros aspectos importantes no que se refere às armas: primeiro, que a chamada revolução técnico-científica ocorre em grande medida na área militar, e, depois, que o comércio de armas se desenvolve de forma acentuadamente ilegal. Colocadas juntas, essas observações indicam uma das características mais destacadas da atual fase de mundialização do capital, qual seja, a obliteração de todo o sistema jurídico forjado a partir dos direitos liberais.

O ataque à Iugoslávia visava então testar armas de nova geração (que não foram utilizadas na Bósnia-Herzegovina) e ampliar o mercado da morte, aumentando o lucro da indústria bélica e dos traficantes (de armas, de drogas e de seres humanos). Assim estaria sendo realizado também o objetivo de destruir a base material de um país relativamente industrializado, que bem ou mal resistia às imposições das agências internacionais do grande capital e que contava com uma classe operária crescida na autogestão. Juntamente com a base material deveria ser devastado o ambiente, com a poluição dos rios e das fontes de água, com a profusão de armas com urânio “empobrecido” 238, altamente radioativo.

De fato, durante os longos dias (e noites) de bombardeio aéreo foram destruídos aquedutos, hidrelétricas, pontes, escolas, hospitais, estações de rádio e TV e até cemitérios. Cerca de um terço das vítimas foram crianças. Os membros do “ELK”, misturados entre a população civil de Kosovo, haviam atraído a repressão policial, mas o início do bombardeio transformou-os em tropas de terra (quase inteiramente ineficazes), provocando a ação de guerra por parte do exército iugoslavo, com todas as suas horríveis seqüelas. No entanto, o êxodo em massa da população civil, seja em direção às montanhas ou para os países vizinhos já ocupados pela Otan (Albânia e Macedônia), foi gerado basicamente pelo bombardeio aéreo. O êxodo foi atribuído pela serviço cobertura jornalística ao exército iugoslavo, preocupado em manter-se camuflado, e não ao infernal bombardeio aéreo!

Com o apoio ativo da Croácia (que se ocupou de treinar os homens do “ELK”), com as lideranças políticas kosovares, albanesas e macedônias divididas e impotentes, tratava-se de aguardar a capitulação da Iugoslávia e a nomeação de um governo fantoche, a fim de se completar a destruição e ocupação da Iugoslávia. Com a Rússia, o único aliado histórico dos sérvios, reduzida à virtual impotência, submetida aos ditames do FMI, e com as pouco relevantes reticências da Grécia e Bulgária, nada poderia vir em auxílio dos sérvios, o último baluarte dos povos balcânicos, a não ser os sérvios da Bósnia e os voluntários russos e ucranianos.

Como os EUA e Inglaterra têm interesses muito próximos e apresentam-se como aliados harmônicos, para seus estrategistas tratar-se-ia, em seguida, de completar a ocupação militar dos Bálcãs, sem maiores preocupações com a reconstrução civil da zona devastada. O mais importante é mesmo a ocupação militar voltada para vários objetivos ao mesmo tempo. Seria estabelecido um vínculo com as bases postadas no Kuwait e na Arábia Saudita, possibilitando um maior controle das fontes petrolíferas do Oriente Médio, mas, principalmente, realizando uma operação de cerco aos países localizados em torno do mar Cáspio que possuem enorme quantidade de petróleo e de muitos outros recursos naturais. Uma poderosa instalação militar na ex-Iugoslávia poderia também se voltar, com muita eficácia e facilidade, contra a Rússia e a Ucrânia, particularmente se esses países voltassem a se unir sob a direção dos comunistas, numa federação incluindo a Belarus e a Iugoslávia, conforme aprovado nos quatro parlamentos.

Mas um outro objetivo dos EUA, e não de menor significado, é sem dúvida o de bloquear ou pelo menos manter sob vigilância o processo de construção da União Européia. Nesse ponto cria-se então uma contradição não-fundamental com os interesses imperiais particulares da Alemanha. Para a Alemanha e outros países europeus o interesse (como expressou o ex-chanceler alemão Helmut Kohl) é o de incorporar todos os fragmentos da Iugoslávia à futura Europa germanizada, o que exigiria alguma forma de reconstrução econômica e um simulacro de vida civil formalmente democrática, de maneira a garantir a continuidade territorial até a Grécia e a Bulgária. Não é por nada que os EUA responderam por 70% dos gastos militares e deixaram a responsabilidade por um eventual investimento de reconstrução civil para a União Européia.

Certo é que dentro da dinâmica imperial não há mais qualquer possibilidade de uma Europa autônoma e contraposta aos EUA, pois isso só seria possível dentro de uma lógica alternativa ao capital como sujeito histórico condutor do *imperium mundi*. Se é assim, os conflitos entre Europa e América se desenvolvem

mais sobre questões formais do que de fundo. Mesmo assim não pode haver dúvida de que o papel desempenhado pelos EUA na guerra de destruição da Iugoslávia deixou para a Europa um papel secundário e contrário a seus interesses específicos, mesmo dentro da lógica imperial, comprometendo a existência da nova moeda européia, o euro.

Um papel crucial desempenhou nesse ato a social-democracia européia. E também nesse caso a roda da história parece resgatar cenas do passado, como o apoio dos partidos social-democratas à guerra imperialista desencadeada em 1914, na seqüência do conflito austro-sérvio. É sabido também da conivência dos socialistas em guerras coloniais tão sórdidas quanto a da Argélia, assim como o cumprimento da função essencial de reduzir o movimento operário à subalternidade diante do capital. Mas, no momento presente, da chamada globalização, a social-democracia (no plural talvez fosse mais correto dizer) passa por uma nova mutação.

Passado o momento da selvagem implantação do neoliberalismo, a social-democracia assume a tarefa da estabilização, buscando atenuar a conflitualidade gerada pela ofensiva do capital em crise. Em vários Estados é a social-democracia que brande o estandarte do corte de despesas sociais e da desregulamentação do trabalho, provocando um deslocamento à direita do debate e de toda a ação política. O discurso da “terceira via” é enfim a maturidade da política neoliberal na época da mundialização do capital.

Não há que se surpreender então com a calorosa tomada de posição favorável à agressão e esquarteramento da Iugoslávia. A social-democracia guindada ao governo dos mais importantes países da União Européia (Grã-Bretanha, Alemanha, França e Itália), não só está inviabilizando uma política alternativa fundada nas forças do mundo do trabalho, através da continuada política de precarização e degradação social, mas está dificultando a possibilidade mesma da UE encontrar uma forma de equilíbrio Europa-América no contexto do *império universal do Ocidente liberal*. Um trágico resultado dessa política e da guerra travada pela social-democracia, além da devastação da Iugoslávia, foi um ulterior deslocamento à direita e uma acrescida despolitização das massas. O resultado das eleições européias de 13 de junho comprova com meridiana clareza essa afirmação, reforçada não só com medidas antipopulares tomadas no dia seguinte pelos governos, visando cobrir os gastos da guerra, como com vitórias emblemáticas da direita (como a prefeitura de Bolonha).

A resistência contra a guerra na Europa foi bastante limitada, com um destaque um pouco maior para a Itália, até por ter servido de “porta-aviões” para os ataques da Otan, com tropas na Albânia e na Hungria, por ter recebido alguns milhares de refugiados de guerra, e por ter o Mar Adriático poluído. Mesmo assim, a esquerda antagônica italiana (cujo pólo mais forte é o Partido da Refundação Comunista) apareceu inteiramente fragmentada, tendo sido vencida pela abstenção eleitoral. Na Alemanha, o movimento contra a guerra chegou a sensibilizar parte da social-democracia, tamanho o escândalo de soldados alemães participando de ações de ocupação de outro país (e sendo aplaudidos por kosovares saudosos dos nazistas). A posição ambígua dos comunistas na França e entre setores dos comunistas italianos, temerosos de reforçar a direita se tomassem a clara oposição ao governo agressor (a sempre presente armadilha politicista!), debilitou ainda mais a luta antiguerreira.

V

A inesperada (para os agressores) resistência da Iugoslávia gerou alguns problemas para as forças imperiais. Antes de tudo, as perdas efetivamente militares da Iugoslávia foram de pouca monta (apenas 13 tanques danificados foram retirados da província de Kosovo). A Otan não conseguiu colocar as tropas iugoslavas em fuga e aniquilá-las como pretendia, mas evitou o desembarque de tropas de terra que teriam que empenhar cerca de 250 mil homens com baixas previsíveis de pelo menos 10%, a fim de conseguir afetar gravemente o exército iugoslavo. Teve que chegar a um acordo de garantia de retirada ordenada e segura dos iugoslavos, que (mesmo num número muito limitado) deverão retornar para participar do governo provisório a ser instalado formalmente pela ONU em Kosovo, que permanece sob reconhecida soberania da Iugoslávia.

As negociações promovidas pela Rússia e pela Finlândia possibilitaram que a ocupação de Kosovo pela Otan ocorresse, mas não como desejavam os belicosos governantes anglo-americanos, sendo necessário um mandato da ONU e a participação de tropas russas. Na verdade, o que se passa é apenas um armistício que não conseguiu deixar satisfeita nenhuma das partes envolvidas, fazendo prever a continuação do conflito balcânico por uma ou outra forma. O resultado imediato é o retorno de centenas de milhares de albanos-kosovares e o êxodo dos sérvios e dos ciganos da província de Kosovo em direção à Sérvia, engrossando o número daqueles que, expulsos de outras regiões, se deslocaram em busca de abrigo no que resta da antiga Iugoslávia. Embora seja pouco perceptível pelo momento, o projeto chauvinista da “grande Albânia” pode vir a se compor com a idéia de uma união dos muçulmanos dos Bálcãs (cujo indício foi a presença de milicianos afeitos no conflito), o que seria um ingrediente explosivo a mais para as forças imperiais manejarem.

A dinâmica imperial que se conforma sob a mundialização do capital mantém ainda hoje o Iraque sob pressão e bombardeio intermitente, cujo resultado é a morte por inanição de mais de meio milhão de pessoas. É possível que para a Iugoslávia se consolide um quadro similar, pois qualquer governo iugoslavo que se renda ao Ocidente será tido como traidor. Para os interesses imperiais a melhor saída nesse momento, e que facilitaria o trabalho de conclusão da destruição da Iugoslávia e ocupação dos Bálcãs, seria o descolamento de Montenegro e uma guerra civil na Sérvia, advinda do agravamento da crise social e da chegada de novos refugiados.

Há pelo menos duas questões que ficam ainda em aberto. Uma delas é saber se haverá forças para recompor uma alternativa emancipatória socialista na Iugoslávia e nos Bálcãs. Antes de tudo é preciso observar se algo sobrou da experiência autogestionária e se há possibilidade de recompor os laços de solidariedade social entre os vários povos da região. A única possibilidade é divisar nas forças de ocupação imperiais e no globalismo neoliberal o inimigo comum do mundo do trabalho e da autonomia da região balcânica. Embora aparentando ser uma remota esperança, cabe pouca dúvida de que a única solução humanista passa pela formação de uma nova federação democrático-socialista balcânica, resgatando e refundando o projeto de Tito e Dimitrov.

A outra questão é saber qual será a próxima vítima da guarda pretoriana do *imperium mundi* do capital. Segundo declarações da presidência americana a seus

soldados estacionados na Macedônia, pode ser em qualquer lugar do planeta. Com muita facilidade e sem qualquer consulta, na África, caso apareça necessidade. Um dos objetivos mais evidentes é a desestabilização da região da qual faz parte o Irã, o Paquistão e a Índia, permitindo uma aproximação ainda maior das forças imperiais, não só da China, como dos territórios náufragos da antiga URSS. Uma outra hipótese, mais próxima, é uma intervenção no Panamá e na Colômbia, utilizando o argumento do tráfico de droga, a fim de evitar o cumprimento do tratado de entrega do canal do Panamá, de enfrentar a guerrilha das Farc e de desestabilizar o regime na Venezuela. A partir daí, uma interferência direta no Brasil, sob o pretexto da “defesa ambiental” na Amazônia, é um passo.

A tragédia da Iugoslávia¹

Giovanni Alves*

Os últimos acontecimentos nos Bálcãs podem nos fazer refletir sobre o sistema mundial de poder político e militar – e, por que não?, ideológico –, que sustenta a mundialização do capital. É um arcabouço complexo de interesses políticos e financeiros que articulam, nos planos nacional e internacional, o crime organizado, cujo maior negócio do mundo é o narcotráfico; o capital financeiro com seus vastos interesses rentistas e parasitários e os interesses geopolíticos das grandes potências imperialistas (União Européia, Japão e principalmente EUA, a potência-mor do Ocidente, subordinada às políticas das corporações transnacionais, com seus tentáculos no mundo da indústria e das finanças).

Esse é o sistema de poder mundial do capital, onde as esferas da economia, da ideologia e da política se imbricam e se confundem. Ele é que sustenta o “oligopólio mundial”, que manobra as tecnoestruturas mundiais tais como FMI e Banco Mundial, a OMC e o braço político da ONU e o braço militar da Otan (os mísseis da Otan detonam e matam, de imediato, centenas de civis muitas vezes por suposto engano dos tecnocratas militares. Os “mísseis” do FMI detonam e matam, a longo prazo, centenas de milhares de miseráveis, homens, mulheres e crianças nos países do Terceiro Mundo, vítimas de suas políticas de ajustes neoliberais).

É um sistema mundial de poder do capital que sustenta o que veio a se denominar “globalização”, ou melhor, mundialização do capital, e que se fortaleceu nas últimas décadas, em virtude das políticas neoliberais, de liberalização, de desregulamentação e de privatização. Na verdade, é tal sistema mundial de poder que tem levado adiante, patrocinado e impulsionado políticas de desmonte dos Estados-nação, seja na América Latina, seja na Rússia, seja no Leste Europeu, áreas estratégicas da geopolítica mundial, apossadas pelos interesses das grandes potências da Tríade. Nesses países, o espaço público tem sido devassado pelos interesses privatistas, voltados para a rentabilidade mercantil ou para a extorsão criminoso e mafiosa organizada. A arena pública devassada tem sido ocupada pelas máfias (muitas vezes articuladas, numa relação promíscua, com estratos burocráticos do aparelho de Estado) e/ou pelos financistas, o que ocorre principalmente nas zonas de penumbra do capitalismo mundial, nas fronteiras da Tríade.

Após a Guerra Fria, o sistema mundial de poder que sustenta a mundialização do capital sofre uma reciclagem ideológica de ampla intensidade que passa a ser incorporada pelas mentalidades liberais do mundo todo. A ideologia da “segurança nacional contra o perigo comunista”, que serviu de motivo para a intervenção direta ou indireta dos EUA na América Latina, África e Ásia, nos anos 50, 60 e 70, sob o pretexto de garantir os valores do “mundo livre”, ocultando os interesses da geopolítica americana e do capital mundial (que o governo dos EUA representa), é sucedida, após a queda do Muro de Berlim e a *débâcle* da URSS nos anos 90, pela ideologia da democracia liberal universal, e logo a seguir, pela ideologia dos direitos humanos, que sustenta, hoje, com seu suposto humanitarismo, a intervenção da Otan a um país soberano, a Iugoslávia (o novo imperialismo

*Professor de Sociologia da Unesp, *campus* de Marília.

americano implicaria inclusive considerar que a Otan é mais eficaz do que a ONU, como instrumento militar de intervenção do Ocidente, o que se configura como uma clara violação do Direito Internacional e da Carta da ONU, posto que a Otan é uma aliança puramente defensiva).

A agressão à Iugoslávia tenta se legitimar em cima da ideologia dos direitos humanos, de um suposto humanitarismo abstrato. Mas a Otan, o atual braço militar do sistema mundial de poder, sob a direção política e militar dos EUA, não convence ninguém de bom senso que a sua agressão à Iugoslávia é para evitar uma “limpeza étnica”.

Pergunta-se: por que os americanos não bombardearam a Turquia pela sua brutal repressão à população curda? Seria porque a Turquia é útil para a política externa americana? Por que, ao longo dos anos 90, o governo americano abastece de armas o governo da Colômbia que patrocina centenas de assassinatos políticos a cada ano, sob pretexto de “guerra às drogas”? (Na Colômbia, segundo estimativas do Departamento de Estado, o nível anual de mortes políticas provocadas pelo governo e seus associados paramilitares é mais ou menos equivalente ao de Kosovo.) Por que os americanos não apoiaram os timorenses na luta contra a ocupação genocida da Indonésia em seu país (abastecida com armas financiadas pelos EUA)?

Certamente, existem muitos exemplos que demonstram que os EUA agem mais de acordo com seus interesses geopolíticos e financeiros, como sustentáculo do sistema mundial de poder do capital, do que como agentes humanitários contra os abusos dos direitos humanos. O clamor humanitário apenas oculta o sempre crescente poder dos interesses geopolíticos e financeiros dos EUA, principalmente após a Guerra Fria. Muitos são os exemplos. Inclusive de longa data: os bombardeios ilegais e inúteis ao Sudão e ao Afeganistão, a morte de milhões de inocentes civis iraquianos nos últimos oito anos em virtude da desnutrição e doenças decorrentes da sanção americana contra o Iraque, a invasão do Panamá, uma nação soberana, causando a morte de centenas de civis com clara violação do Direito Internacional; o assassinato de milhares de camponeses na Guatemala e El Salvador pelos militares apoiados e treinados pelo governo americano; a política de “terra arrasada” que matou 3 milhões de vietnamitas durante a Guerra do Vietnã, e inclusive a “limpeza étnica” primordial que o exército americano promoveu contra os índios americanos, expulsando-os das suas terras ancestrais. Realmente, o governo dos EUA não tem nenhuma autoridade moral para basear a justificativa de um ataque à Iugoslávia num suposto humanitarismo.²

Atrocidades na guerra civil iugoslava têm sido cometidas por ambos os lados (não apenas pelos sérvios) e a verdadeira razão da intervenção americana nos Bálcãs é motivada por interesses nada humanitários. Na verdade, a ideologia dos direitos humanos, levantada pelo Departamento de Estado norte-americano, com o apoio ingênuo (ou insolente) da mídia ocidental, inclusive de intelectuais de renome, apenas oculta as razões de Estado do império americano.

Salientemos algumas dessas “razões ocultas” para a promoção da tragédia nos Bálcãs, principalmente para a destruição da Iugoslávia:

Em primeiro lugar, existem potencialmente trilhões de dólares em petróleo na região do Mar Cáspio, que as corporações transnacionais ocidentais querem controlar. Ao invés de um gasoduto que atravessasse a Rússia e o Iraque, os EUA

planejam construir um gasoduto através dos Bálcãs e para isso precisam ter a aprovação dos governos de países da região.

Em segundo lugar, a política americana nos Bálcãs é motivada pela própria necessidade do Pentágono aparecer como a polícia do mundo, em prol dos interesses das corporações americanas, recebendo recursos da ordem de 300 bilhões de dólares cada ano do orçamento doméstico americano.

Depois, é preciso salientar que a Iugoslávia sob Tito era, em relação aos demais países do Leste Europeu, um país socialista bem-sucedido, concorrendo, na região, com a ideologia americana do livre-mercado. Em 1989, o FMI e o Banco Mundial, ambos controlados pelos interesses financeiros dos americanos, obrigaram a Iugoslávia a dismantelar seu setor público. Esse ajuste da economia iugoslava resultou na sua desintegração, com o PNB caindo cerca de 50% de 1990 a 1993. Isso tem levado a uma extrema pobreza, desemprego em massa e o surgimento de tensões étnicas que tinham sido controladas desde a Segunda Guerra Mundial.

Entretanto, a desintegração da Iugoslávia tem sido um plano do governo americano desde a queda da União Soviética em 1989. Até a queda do Muro de Berlim, estava claro para os planejadores da geopolítica americana que o governo iugoslavo – e, principalmente, a classe trabalhadora iugoslava — não renunciariam a suas conquistas sociais em prol da economia de mercado com tanta facilidade como os outros países socialistas do Leste Europeu. Foram conquistas sociais alcançadas durante 45 anos sob o governo socialista independente do marechal Tito. Portanto, a Iugoslávia, para tais planejadores geopolíticos, precisava ser dismantelada para que os investidores e financistas internacionais, apoiados pela máfia do narcotráfico, pudessem ter acesso à região.

A prova disso está nos documentos do Congresso americano que tratam das linhas de atuação da política externa americana. Os *Foreign Appropriations Bill* de 1990, sem nenhuma justificativa relevante, estabelecem que todos os créditos ou empréstimos dos EUA, do FMI e do Banco Mundial para a Iugoslávia seriam cortados em seis meses. Estabelece também eleições separadas nas seis repúblicas iugoslavas, incluindo a aprovação pelo Departamento de Estado americano dos procedimentos e dos resultados de tais eleições gerais, como uma das condições para a ajuda financeira.³

Seis meses após deflagra-se a guerra civil na Iugoslávia, com a secessão da Croácia e da Eslovênia, com a limpeza étnica de milhares de sérvios da Croácia (com a ajuda dos EUA e com a aprovação sem nenhum clamor da mídia americana) e a guerra civil na Bósnia, que os americanos utilizaram como ótimo recurso político (e ideológico) para “demonizar” a Sérvia, tal como eles estão agora demonizados no Kosovo.

A política americana para desintegrar a Iugoslávia como uma saída para tornar dócil a sua integração à nova ordem mundial capitalista, planejada pelo Pentágono, implicava, antes de tudo, destruir a classe operária iugoslava, organizada e combativa.

A partir da “crise do socialismo real”, em fins dos anos 80, a burocracia da Iugoslávia, sob a presidência de Milosevic (no poder desde 1987), soube conviver com os interesses da tecnoestrutura financeira ocidental, apoiando, por exemplo, um plano de ajuste do FMI, combatido vorazmente pela oposição democrática e

socialista na Sérvia. Milosevic deu apoio às reformas de mercado, combatidas pelo movimento operário. Na medida em que se desintegrava o Leste Europeu e desde que assumiu a presidência da Sérvia e da Iugoslávia, Milosevic procurou destruir a resistência operária à orientação do programa de reestruturação econômica do FMI. Com o controle da TV, rádio e jornais na Sérvia, Milosevic começou uma propaganda intensiva para dividir a classe operária em grupos étnicos, incitando a rivalidade étnica, num contexto de avanço do desemprego e de desintegração da economia iugoslava (o que propiciou a atuação de nacionalistas). Antes dos bombardeios da Otan, a classe operária iugoslava, a partir de 1990, sofreu com o bombardeio de propaganda incitando a rivalidade étnica, jogando croatas contra sérvios e vice-versa. Grupos paramilitares nacionalistas organizaram-se para retaliar as atrocidades étnicas cometidas contra sérvios. Nacionalistas sérvios armaram-se na Croácia enquanto oficiais croatas armaram seus próprios grupos paramilitares. Partidos nacionalistas representando vários grupos étnicos foram legalizados e receberam crescente suporte financeiro.

Na verdade, ocorreu uma política organizada pela fração nacionalista dominante do Estado sérvio para dividir a classe trabalhadora iugoslava, que se manifestava contra uma política de reestruturação econômica orientada para o mercado e que era, nas condições de “crise do socialismo real” na virada para os anos 90, do interesse de uma elite burocrática representada por Milosevic.

Mas Milosevic aspirava a constituir a Grande Sérvia e não era, apesar de sua subserviência inicial à tecnoburocracia financeira do FMI, uma personalidade política confiável aos interesses do Ocidente. A Sérvia – ou ainda a Iugoslávia – constitui, com Milosevic, ou sem ele, um poder nos Bálcãs que precisava ser quebrado.

Enquanto o movimento de oposição socialista e democrática crescia contra Milosevic, principalmente a partir de 1990, o Pentágono procurava “demonizar” os sérvios, na mesma medida em que frações nacionalistas do Estado iugoslavo ocupavam cada vez mais espaço no poder de Estado, incitando a luta étnica, capaz de dividir ainda mais a classe trabalhadora iugoslava, vanguarda de oposição democrática e socialista a Milosevic.⁴

Os bombardeios da Otan destroem, física e estruturalmente, a classe operária, além de dar a Milosevic o papel de “salvador da nação sérvia”. Uma classe operária que vem se debilitando desde 1990, devido às políticas de reestruturação econômica levadas a cabo pelo FMI, que desmontaram o setor público iugoslavo e criaram o desemprego, agora é ameaçada de extinção pela própria destruição da economia (e do Estado) iugoslavo.

A tragédia da Iugoslávia é a expressão, portanto, da tragédia da classe operária nos países do ex-bloco soviético – entre a avidez mercenária do capital financeiro internacional e as prerrogativas de poder de uma elite política instalada no Estado burocrático-socialista, que diante da implosão do sistema soviético procurou inserir-se, de modo subalterno, na nova ordem capitalista de mercado, na intenção de preservar suas posições de poder local.

A esse sistema mundial de poder que sustenta os fluxos de capital internacional, cujo representante mor são os EUA, ainda não se confronta nenhum “bloco de poder” alternativo, vinculado aos interesses dos povos oprimidos e marginalizados, capaz de deter a “polícia do mundo” – os EUA e seu novo braço de inter-

venção militar, a Otan. Tanto a Rússia, a Índia ou a China (e nem sequer cogitamos em falar em Brasil) colocam acima de seus interesses políticos os seus interesses comerciais e financeiros. Temem se desconcertar dos fluxos de comércio e de capital internacional: a Rússia está debilitada financeira e militarmente, apesar dos arsenais nucleares; a Índia e a China possuem situações internas explosivas, que diante de uma ação exterior poderiam desestabilizar o próprio poder das elites burocráticas dominantes, comprometidas, como no caso da China, com sua integração à nova ordem da mundialização do capital, levada a cabo pelos EUA e suas agências: FMI, Banco Mundial e OMC.

Diante disso, não há quem se prontifique a dizer não aos americanos.

Assim, até onde a prepotência do império americano prosseguirá abusando do vazio deixado pela implosão da URSS? A União Européia, tal como o Japão, que poderia surgir como um poder contraposto aos EUA, com sua nova moeda, o euro, aparece, sob a hegemonia de uma social-democracia cativa do neoliberalismo americanista, como uma linha auxiliar do império americano, demonstrando que uma nova moeda nada significa se se mantém a mediocridade política e ideológica das suas elites financeiras altamente integradas com os negócios na América.

NOTAS

- 1 Comunicação apresentada no seminário "A agressão à Iugoslávia", realizado na Unesp/Marília, em 11 de maio de 1999.
- 2 Cf. Chuck Cher, "The Real Reasons why we are Bombing Yugoslavia", em *Argus Courier*, Petaluma, 1999.
- 3 Ver Dave Stratman, "Why is the U.S. Bombing Yugoslavia?", em *New Democracy*, Toronto, 1999.
- 4 Cf. Misha Glenny, *The Fall of Yugoslavia: The Third Balkan War* (Nova York: Penguin Books, 1993), *apud* Dave Stratman, *op. cit.*

Notas sobre 78 dias de guerra vividos na Itália

*José Luiz Del Roio**

Voltando a Milão no dia 20 de março, depois de algumas semanas no Brasil, encontrei um clima inquietante. A Itália, depois de 54 anos, preparava-se para ser envolvida diretamente numa guerra européia. Os fantasmas das agressões fascistas contra os países balcânicos voltavam com força na consciência histórica dos democratas.

A ameaça pairava sobre a República Federal da Iugoslávia, país historicamente amigo que durante o período da resistência antinazista de 1943 a 1945 havia salvado a vida de dezenas de milhares de soldados italianos de ser exterminados pelo comando dos exércitos alemães.

Para agravar ainda mais o quadro, existia o fato de que pela primeira vez a esquerda encontrava-se no governo. Para os meios políticos e mesmo para a sociedade civil parecia irreal que o país se envolvesse no conflito.

No dia 24 de março, de forma espetacular, os meios de comunicação anunciaram que centenas de aviões levantavam vôo das bases da Otan, sediadas na Itália, e bombardeavam todo o território da Iugoslávia. O governo italiano, demonstrando sua impotência e subalternidade, declarava que o ataque tinha começado sem que tivesse sido avisado. O país encontrava-se envolvido na tormenta de uma guerra de agressão covarde, contra os seus próprios interesses nacionais, sem discussão no parlamento, e rasgando a constituição republicana, onde encontra-se escrito que “a Itália repudia a guerra”.

Na complexa arquitetura de partidos que apóiam o governo de Massimo D'Alema, os chamados comunistas italianos, liderados pelo senador Armando Cossuta, se declararam contra a guerra; setores dos Democratas da Esquerda, como os comunistas democráticos e os comunistas unitários, vacilaram e preservaram uma posição ambígua, os verdes se dividiram. Na área católica, o sofrimento e a divisão foram significativos. Porém, o primeiro-ministro, a maioria de seu partido e dos seus aliados apoiaram a guerra, sob o argumento de tratar-se de uma “guerra necessária” ou “humanitária”. As direções das três grandes confederações sindicais tomaram a mesma posição. As grandes televisões e jornais não fizeram mais do que propaganda da Otan. A direita, inclusive a pós-fascista, aplaudiu entusiasticamente. Contra a guerra, na oposição se definiram de forma radical apenas a Lega Nord e a Rifondazione Comunista, além de outros pequenos grupos da área da esquerda.

Para os pulverizados grupos que se contrapunham à política imperial, o quadro apresentou-se muito difícil, pois todos os canais de mobilização de massas encontravam-se obstruídos. Assemelhava-se a algo como 1914.

Uma pequena mas combativa organização cultural intitulada Punto Rosso convocou uma reunião para o dia 29, da qual participaram centenas de pessoas,

*Diretor do Instituto Astrojildo Pereira.

muitas representando organismos de solidariedade, pacifistas, ecologistas verde-vermelhos, católicos, protestantes, centros sociais... Dali decidiu-se pela criação de um comitê contra a guerra, ao qual aderiram mais de oitenta organizações, sendo muitas estruturas de bases dos sindicatos. Importante foi o conhecimento acumulado e a estrutura do comitê contra a guerra do Golfo, existente desde a época daquele conflito.

O boicote aos que lutavam contra a guerra era tanto que não se conseguiu nem uma sede compatível. Foi assim que se levantou uma tenda em uma das principais praças da cidade, que posteriormente tornou-se itinerante.

Logo essa estranha construção transformou-se em ponto de peregrinação de intelectuais, líderes sindicais, estudantis e religiosos, delegações estrangeiras (entre as quais uma da CUT brasileira), além de fábrica de elaboração teórica, artística e sobretudo de iniciativas concretas contra a guerra.

Levar coroas de luto aos consulados dos EUA e da Inglaterra, bloquear ruas, plantar cruzeiros nos jardins públicos recordando as vítimas dos bombardeios (no dia 2 de junho, fomos ajudados nessa tarefa por um grupo de camponeses do MST do Brasil), colocar *targets* nos monumentos, concentrar-se diante dos quartéis, realizar encontros em todos os bairros da metrópole, recolher assinaturas para denunciar à justiça os ministros italianos por crimes de guerra enquanto sucediam-se teatros de rua, concertos de música, coros etc.

Em pouco tempo, o movimento cresceu e surgiram muitos outros comitês de zonas e nas cidades vizinhas. No dia 25 de abril, aniversário da libertação frente ao fascismo, cem mil pessoas desfilavam pelas avenidas protestando contra a guerra e a Otan. No 1º de maio, dez mil pessoas desfilavam atrás das bandeiras do comitê e apenas duzentas seguiam as das três confederações sindicais. O contraste foi gritante.

O comitê de Milão participou ativamente na formação da marcha entre as cidades de Perugia e Assis (com a participação de outras cem mil pessoas) no dia 16 de maio. Depois lançou uma mobilização nacional de "irmandade" com a marcha contra a guerra realizada em Washington no dia 5 de julho e, finalmente, concentrou suas forças para levar dezenas de milhares de pessoas nas portas da maior base da Otan da Europa, em Aviano.

Fenômenos semelhantes aconteceram em outras regiões. Quando cessaram os bombardeios, existiam algo em torno de 250 comitês que constituíram uma rede por todo o espaço italiano e com contatos pela Europa.

Foi uma experiência interessante que reuniu forças muito diversas, reanimou esperanças de antigos militantes e trouxe muitos jovens para sua primeira luta política. Foram derrubadas muitas barreiras, velhos sectarismos, vícios da esquerda, nasceram novas idéias e formas de luta. Talvez possa significar para o futuro uma preciosa fonte para ajudar a reagrupar e rejuvenescer uma esquerda italiana e europeia, que seja alternativa ao império com seu formato neoliberal.